

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
HISTÓRIA DA ARTE

CLARELIS RODRIGUES DA SILVA

IMAGINÁRIOS EMERGENTES: As brechas e lacunas nas fotografias da Favela do Esqueleto em arquivos públicos do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

2024

CLARELIS RODRIGUES DA SILVA

IMAGINÁRIOS EMERGENTES: As brechas e lacunas nas fotografias da Favela do Esqueleto em arquivos públicos do Rio de Janeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de bacharel em História da Arte.

Orientador: Professor Dr. Ivair Reinaldim

Rio de Janeiro

2024

CLARELIS RODRIGUES DA SILVA

IMAGINÁRIOS EMERGENTES: As brechas e lacunas nas fotografias da Favela do Esqueleto em arquivos públicos do Rio de Janeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de bacharel em História da Arte.

Orientador: Professor Dr. Ivair Reinaldim

Aprovado em 28 de agosto de 2024

Documento assinado digitalmente
 **IVAIR JUNIOR REINALDIM**
Data: 18/09/2024 09:19:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ivair Reinaldim (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **TATIANA DA COSTA MARTINS**
Data: 19/09/2024 16:27:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. ^a Dra. Tatiana da Costa Martins
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **MAURICIO BARROS DE CASTRO**
Data: 01/10/2024 13:34:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Maurício Barros de Castro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

S586i Silva, Clarelis Rodrigues da.
Imaginários emergentes: as brechas e lacunas nas
fotografias da Favela do Esqueleto em arquivos públicos do
Rio de Janeiro / Clarelis Rodrigues da Silva, orientação de
Ivair Reinaldim. - Rio de Janeiro, 2024.
78 f. il.

Orientador: Ivair Reinaldim.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História
da Arte) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Belas Artes, Bacharel em História da Arte,
2024.

1. Fotografia. 2. Imaginário. 3. Favela do Esqueleto. 4.
Narrativa. 5. Memória. I. Silva, Clarelis Rodrigues da. II.
Reinaldim, Ivair, orient. III. Título.

CDD: 778.9

Em memória de Venina Miranda da Silva

Mulher, professora, costureira, mãe e avó. Natural de Bom Jesus do Itabapoana, moradora da Favela do Esqueleto e Vila Kennedy. Esteve presente em meu imaginário não apenas no decorrer deste trabalho, mas a cada momento da minha vida, em tudo que penso, faço e escrevo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente as mulheres da minha vida, minha mãe Elaine, minha avó Venina, minha tia Elair, por terem me criado com amor e dedicação, por serem o reflexo da pessoa que sou hoje. Seria impossível chegar até aqui sem acolhimento de vocês.

À Jéssica, minha companheira de vida e melhor amiga, por estar ao meu lado a todo instante, acreditar em mim e me ensinar a enxergar novamente nos momentos em que tudo parece embaçado.

Aos meus amigos que considero irmãos, Marlon e Mayra, por crescerem comigo e sempre me guiarem à Vila Kennedy, nossa casa.

Aos professores do curso de História da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ. Especialmente ao professor, orientador e amigo Ivair Reinaldim, o primeiro na academia que reconheceu meu potencial. Obrigada por sua firmeza e gentileza com esta pesquisa e comigo durante este processo.

Aos amigos e colegas de graduação, sobretudo Emanuel e Lorena, por dividirem esta trajetória comigo em vários aspectos. Agradeço pelas experiências que me moldaram e estarão comigo por toda a vida.

Aos queridos entrevistados, Maria José Peixoto; Creuza Mariano; Carlos Antônio; Rosemary Silva de Souza e minha tia, Elenir da Silva Sarandão. Agradeço por abrirem os corações e partilharem suas memórias comigo, esta pesquisa não existiria sem a colaboração de vocês.

Aos integrantes do projeto de pesquisa “A favela e a universidade: histórias e narrativas do Rio de Janeiro em transformação”, orientado pela professora Letícia de Luna Freire, pela troca de conhecimentos e incentivo.

À todas as pessoas que me atravessaram durante a caminhada da graduação, sou grata por todos os afetos e ensinamentos.

SILVA, Clarelis Rodrigues da. Imaginários emergentes: As brechas e lacunas nas fotografias da Favela do Esqueleto em arquivos públicos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024. Monografia (Bacharelado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central apresentar novos imaginários da Favela do Esqueleto, partindo da hipótese de que a favela, quando lembrada, é socialmente conhecida pelos anos em que seus moradores enfrentaram processos de remoções, na primeira metade da década de 1960. Para tal propósito, pretende-se olhar para fotografias da favela, presentes em arquivos públicos situados na cidade do Rio de Janeiro, buscando por suas possíveis brechas e lacunas, em conjunto com depoimentos cedidos por ex-moradores. A Favela do Esqueleto, que carrega este nome por nascer da formação de uma construção inacabada, foi uma comunidade que existiu no território onde atualmente erguem-se os prédios do Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Zona Norte da capital fluminense. Embora não exista mais em sua forma física, a memória do Esqueleto ainda é mantida por aqueles que habitavam a comunidade, que carregam consigo os múltiplos imaginários da favela.

Palavras-Chave: fotografia; imaginário; Favela do Esqueleto; narrativa; memória.

ABSTRACT

This essay's main objective is to present Favela do Esqueleto's new imaginaries, comprehending that when remembered, the favela became socially known by the years its residents faced eviction in the first half of the 60s. For this purpose, this essay intends to look at the Favela's photographs that are part of Rio de Janeiro's Public Archives searching for possible gaps, together with statements provided by former residents. The Favela do Esqueleto, which name was given after an unfinished construction in the area, existed where the State University of Rio de Janeiro Maracanã Campus currently is in the North Zone of Rio de Janeiro. Although Favela do Esqueleto no longer exists in its physical form, its memory is still maintained by those who used to reside there, carrying with themselves multiple imaginaries of the favela.

Keywords: photography; imaginary; Favela do Esqueleto; narrative; memory.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Exposição Esqueleto: uma História Rio, 2019, Galeria Aymoré, Rio de Janeiro. Foto: Divulgação/Diário do Rio..... 14
- Figura 2:** Registro da exposição ESQUELETO — 70 anos de UERJ, 2019, Paço Imperial, Rio de Janeiro. Foto: Diretoria de Comunicação da UERJ..... 15
- Figura 3:** B 33 Bólido caixa 18 “Homenagem à Cara de Cavallo”, Hélio Oiticica, 1965-1966..... 16
- Figura 4:** Favela do Esqueleto, 1953. Fotografia do Correio da Manhã, 1962. Arquivo Nacional..... 29
- Figura 5:** Verso de Fotografia da Favela do Esqueleto pertencente ao periódico Correio da Manhã e anexado ao trecho de reportagem publicada em 1962. Arquivo Nacional..... 30
- Figura 6:** “Doze famílias em pânico”, Correio da Manhã, 31 de dezembro de 1947. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil..... 33
- Figura 7:** Favela do Esqueleto, 1960–1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 36
- Figura 8:** Favela do Esqueleto, 1960-1965. Cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 38
- Figura 9:** Favela do Esqueleto, 1960-1965. Cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 39
- Figura 10:** Família da Favela do Esqueleto, 1960–1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 40
- Figura 11:** Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 41
- Figura 12:** Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 41
- Figura 13:** Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro..... 44
- Figura 14:** Favela do Esqueleto, 1965. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional..... 45

Figura 15: Visita do governador Carlos Lacerda à Favela do Esqueleto, 1965. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.....	46
Figura 16: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.....	51
Figura 17: “Esqueleto não se move”, Correio da Manhã, 28 de novembro de 1964. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil	52
Figura 18: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.....	53
Figura 19: “Favela do Esqueleto vai desaparecer mesmo”, Última Hora, 22 de janeiro de 1962. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.....	55
Figura 20: Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.....	57
Figura 21: Bica d’água na Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.....	58
Figura 22: “Esqueleto - A favela rica”, A Noite, 1957. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.....	62
Figura 23: Cruz ao topo do prédio inacabado da Favela do Esqueleto, 1965. Acervo O Globo.....	63
Figura 24: Favela do Esqueleto, 1960-1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.....	65
Figura 25: Favela do Esqueleto, 1960-1965. Recorte de fotografia. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.....	66
Figura 26: Criança e seus animais na Favela do Esqueleto, 1965. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.....	67
Figura 27: Aline Motta, Filha Natural, 2018-2019. Fotografia.....	71
Figura 28: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Recorte de fotografia. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: UM ESQUELETO DE IMAGINÁRIOS <i>INCOMPLETOS</i>, <i>FRAGMENTADOS E RESGATADOS, MAS, APESAR DE TUDO, EXISTENTES</i>...	28
1.1 A resistência dos imaginários.....	43
CAPÍTULO II: FAVELA DO ESQUELETO NÃO VAI DESAPARECER MESMO!	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

Ao longo de 25 anos, desde que nasci até o momento em que escrevo este trabalho, vivo na Vila Kennedy, uma favela localizada às margens da Avenida Brasil e entre dois importantes pontos turísticos da Zona Oeste, o Parque Natural Municipal da Serra do Mendanha e o Parque Estadual da Pedra Branca. Cresci escutando histórias de como a Vila Kennedy foi fundada e de que forma sua existência sempre esteve interligada a outra comunidade, a Favela do Esqueleto. Início a introdução de maneira pessoal, pois a conexão entre as duas favelas, as histórias individuais e partilhadas, constituíram-se em primeiro momento como um conhecimento não ensinado academicamente. A relação da pesquisa que iniciou este trabalho, iniciou primeiramente através das memórias contadas, principalmente pela minha avó materna, Dona Venina, bem como por tios, amigos da família e vizinhos.

Conseqüentemente, cresci conhecendo as histórias da Favela do Esqueleto, uma comunidade que existiu fisicamente onde atualmente encontra-se o Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Por anos imaginei aquele local, como se minha formação também tivesse acontecido naquele chão. Ouvei sobre como meu avô, marceneiro, fez a casa da família na rua Turf Club; minha avó me compartilhava que era costureira e tinha muitos clientes por toda a favela; como as famílias tinham o costume de levar os filhos para passear na Quinta da Boa Vista; as relações entre o Esqueleto e a Mangueira, que perduram até os dias atuais; as tendinhas locais, que apresentavam uma variedade local para os moradores, tendinhas essas que existem até hoje, agora na Vila Kennedy.

No entanto, embora tenha crescido cercada de agradáveis memórias do Esqueleto, também foram compartilhadas as histórias ruins, como o fato de que os moradores foram brutalmente removidos durante a década de 1960. Tais moradores foram transferidos para complexos residenciais, como o conjunto habitacional da Vila Kennedy, para onde minha família mudou-se, além de localidades como a Nova Holanda e Vila Aliança.

Atualmente, se perguntarem para os moradores da Vila Kennedy se os mesmos conhecem o Esqueleto, a maioria saberá responder, uma vez que muitos são ex-moradores ou cresceram ouvindo sobre aquela localidade. Ademais de reconhecer a antiga favela, este grupo apresenta um anseio em falar sobre o

Esqueleto e compartilhar as memórias da localidade. Todavia, fora desse nicho específico, a Favela do Esqueleto caiu em esquecimento, o que não é estranho quando compreendemos que aquele local foi removida há quase 7 décadas. Ocasionalmente, o Esqueleto também é confundido com outras regiões removidas na mesma época, como a Favela da Praia do Pinto. Quando não é esquecido ou confundido, o Esqueleto é colocado apenas na categoria de favela removida e este processo de remoção se torna a síntese da história da Favela do Esqueleto.

Na cidade do Rio de Janeiro, em 2019, foram inauguradas duas exposições¹ que tinham em sua concepção a existência da Favela do Esqueleto como narrativa temática. *Esqueleto: uma História do Rio*, foi realizada na Galeria Aymoré, com a curadoria de Fred Coelho² e Maurício Barros de Castro³, e *ESQUELETO — 70 anos de UERJ*, realizada no Paço Imperial, com organização e curadoria artística de Marcelo Campos⁴, Analu Cunha⁵ e, novamente, Maurício Barros de Castro, além de um grupo responsável pela curadoria histórica.

A primeira iniciou a partir de uma pesquisa iconográfica da Favela do Esqueleto e sucedeu-se com a junção de trabalhos de artistas como Hélio Oiticica e Gustavo Speridião, que discutiram a questão da violência no Rio de Janeiro em épocas distintas. Dessa maneira, a exposição propõe um debate a respeito da violência banalizada no cotidiano da cidade, pensando a antiga comunidade como espelho histórico de uma deficiência governamental que existiu em seu tempo e persiste até hoje.

¹ Devido ao ano de realização, as exposições aqui mencionadas não foram visitadas, ainda assim suas realizações são consideradas pertinentes para pensar o uso da Favela do Esqueleto como temática dentro do campo das artes visuais. Dessa maneira, foram consultadas produções textuais geradas a partir delas, sendo estes dois artigos devidamente referenciados.

² Escritor, pesquisador e professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) da PUC-Rio.

³ Pesquisador e professor do Instituto de Artes da UERJ e dos Programas de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA) e Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES).

⁴ Curador e professor do Instituto de Artes da UERJ.

⁵ Artista, curadora e professora do Instituto de Artes da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES).



Figura 1: Exposição Esqueleto: uma História Rio, 2019, Galeria Aymoré, Rio de Janeiro. Foto: Divulgação/Diário do Rio.

A segunda exposição fez parte de um projeto desenvolvido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em comemoração aos 70 anos da instituição, que contou também com a realização de um livro intitulado “70 anos UERJ: 1950–2020”. Ambas as produções, livro e exposição, têm como uma de suas intenções, revisitar a ligação entre a instituição, especificamente o campus Maracanã, com o Esqueleto, de modo a centralizar a existência da favela como parte integral de sua construção, para além unicamente da estrutura, entendendo a profundidade dessa relação e, assim, estabelecendo um compromisso com essa história.



Figura 2: Registro da exposição ESQUELE70 — 70 anos de UERJ, 2019, Paço Imperial, Rio de Janeiro. Foto: Diretoria de Comunicação da UERJ.

Embora em contextos diferentes, as duas mostras estão diretamente relacionadas, a partir do trabalho especialmente de Barros de Castro, convidado por Cunha e Campos para integrar a mostra realizada anteriormente na Galeria Aymoré ao projeto posterior da UERJ, como uma “base para o empreendimento” (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES, 2021, p. 10). Tal empreendimento reuniu uma curadoria prevista como artística — contando com as obras expostas na mostra anterior e novos trabalhos — e outra como histórica, tendo como referência a pesquisa realizada para o livro, que conta com registros fotográficos presentes no Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID) da UERJ.

Essas duas exposições contribuíram significativamente para a historiografia da Favela do Esqueleto, uma vez que foram publicados um livro e artigos a partir de suas realizações. Além disso, retomam a comunidade como debate dentro do campo das artes visuais, algo que Hélio Oiticica já fazia em 1965, com a produção do Bólido B 33 caixa 18 — Homenagem à Cara de Cavalão.



Figura 3: B 33 Bólide caixa 18 “Homenagem à Cara de Cavalo”, Hélio Oiticica, 1965-1966.

A significância das mostras, explicitadas aqui, se dá por meio do entendimento de que ambas, a partir da reunião de registros fotográficos — sejam registros utilizados nas exposições ou apenas por meio da pesquisa — e de trabalhos artísticos, viabilizam que a Favela do Esqueleto seja lembrada, após 54 anos do seu completo desmantelamento físico. A realização das duas exposições partem da ideia de que a subsistência da comunidade tenha sido fundamental para os diferentes aspectos da história do Rio de Janeiro.

No artigo intitulado UERJ 70: comemorações e histórias de uma universidade pública, escrito posteriormente à exposição ESQUELE70 — 70 anos de UERJ, por integrantes do grupo que compôs sua curadoria histórica, é observado como a ideia de memória integrou efetivamente o caráter da exposição. Os autores informam que optaram pela concepção de história pública para a realização das comemorações dos 70 anos da Universidade, e que: “Nas escolhas promovidas para a elaboração do livro e da exposição dialogamos com determinada concepção acerca das relações entre história e memória” (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES, 2021, p. 3). Dessa maneira, para guiar a linha de

pesquisa do projeto, incluindo a exposição, a fim de buscar perspectivas delineadoras a respeito da história e da memória, foram utilizados como referências, nomes como Fernando Catroga e Aleida Assmann.

Com os devidos cuidados e adequações, o trabalho materializado na publicação do livro 70 Anos UERJ e na instrumentalização da exposição ESQUELETO, buscaram lastrear-se nessa “reorientação do projeto de escrita da história”, e assim explicitar as conexões intrínsecas à pesquisa metódica (científica), à memória e à retórica, no objetivo de tornar pública as histórias dos sujeitos diversos que instituíram e instituem a UERJ. (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES, 2021, p. 4)

Do mesmo modo, Esqueleto: uma história do Rio utiliza a memória como um dos pontos conceituais da exposição. Aqui, no entanto, sendo utilizada como ferramenta de denúncia. A curadoria partiu de uma perspectiva atual, olhando para as favelas e periferias que existem na cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana, que vivenciam realidades similares às dos moradores do Esqueleto, muitos ainda assombrados pelo medo da remoção. No artigo intitulado Esqueleto do esqueleto do esqueleto, os curadores Coelho e Barros de Castro iniciam o texto ponderando tais questões propostas através da exposição:

Cidades são feitas de histórias acumuladas através do tempo e do espaço. São contextos urbanos em que escombros e tradições necessariamente integram-se a projetos futuros. No Rio de Janeiro, porém, boa tarde do passado tornou-se uma espécie de fantasma que vaga a esmo pelo presente. A memória popular, seus laços imateriais e suas arquiteturas, raramente formam um porvir oficial. [...] Casas e vidas foram removidas, derrubadas ou simplesmente abandonadas em prol de um novo que, rapidamente, vira ruína. (2020, p. 2, grifo da autora)

Mediante duas propostas diferentes — debater a questão da violência urbana e os projetos de higienização social aplicados pelo governo que afetam principalmente favelas e periferias e afirmar o compromisso de uma instituição pública de ensino superior com a história da Favela removida para sua construção —, as duas exposições se encontram na mesma chave conceitual, a memória e realizam o ato de colocar o Esqueleto em evidência. Nesse processo, desempenham o exercício de olhar para sua história por meio da pesquisa de fotografias e através da produção artística contemporânea, que dá espaço para a comunidade, tendo em vista sua importância no contexto atual.

De fato, quando Hélio Oiticica homenageia a memória de seu amigo Manoel Moreira, conhecido como Cara de Cavalo — morador do Esqueleto, envolvido com

extorsão de jogadores do Bicho da região e vítima do grupo de extermínio Esquadrão Le Cocq — em Bólide B 33 caixa 18, ele estava denunciando a violência e a hipocrisia do Estado nas favelas do Rio de Janeiro na década de 60. Dessa maneira, podemos, sim, observar a ação de Hélio como um “prenúncio ao conceito de Necropoder trazido por Achille Mbembe”, apontado por Coelho e Barros de Castro, uma vez que, “permanece, de forma trágica, absolutamente atual no que diz respeito ao contexto contemporâneo do Rio de Janeiro”. (2020, p. 53)

Nesta mesma lógica, uma instituição pública de ensino que reconhece sua história e celebra seus 70 anos, ao passo que assume “a memória do Esqueleto como linha interpretativa da exposição”, se faz relevante, pois como dito pelos organizadores: “Outros “esqueletos” ainda restam e, ao invés de suprimi-los, as celebrações dos 70 anos da UERJ os abraça como tema.” (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES, 2021, p. 11). A organização da exposição reconhece esse posicionamento como importante e, segundos eles, este ato diverge dos intuitos iniciais da criação do campus, que era entendido pelos responsáveis como algo benéfico para a sociedade, desconsiderando totalmente as implicações danosas das políticas de remoção

No entanto, apesar do exercício de olhar e colocar a Favela do Esqueleto em centralidade no debate, os dois projetos apresentam o Esqueleto como decorrência passageira de algo que sucederá ou efeito sintomático de um sistema. Ainda que seja possível olhar para a comunidade dessa forma, optando por esta narrativa, prosseguimos evidenciando-a, por meio da lembrança, a partir do processo de remoção, momento marcado pela violência, ou vinculada a história institucional da UERJ.

Na pesquisa de desenvolvimento de ESQUELETO — 70 anos de UERJ, a equipe optou não apenas em inventariar os acervos institucionais, como já mencionado. Para “pluralizar as memórias e histórias uerjianas”, segundo eles, foi necessário: “construir uma narrativa que priorizasse os agentes dessa história” (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES, 2021, p. 8.). Desse modo, aconteceram entrevistas com os representantes das unidades, docentes, técnicos administrativos, que contribuíram para a construção institucional. Embora, os organizadores também nos informem que o trabalho não está finalizado e que: “a pesquisa nos indicou que ainda há muitas outras histórias para serem narradas” (DE PINTO; DE ALMEIDA GONÇALVES; NASCIMENTO FERNANDES,

2021, p. 2.), os ex-moradores do Esqueleto não integraram esse grupo de entrevistados. Portanto, entendendo o compromisso da UERJ com a memória da Favela do Esqueleto, como os mesmos evidenciam, não seriam também os ex-moradores do Esqueleto importantes agentes neste resgate?

Tendo isso como perspectiva, e entendendo a importância das favelas para diversos contextos da história do Rio de Janeiro do presente e do futuro, e sua direta relevância para a pesquisa dos diversos campos, incluindo as artes visuais, questiono: não deveríamos nos dar a oportunidade de olhar para a Favela do Esqueleto, através das inúmeras possibilidades do olhar, colocando-a como protagonista de sua própria história, e dando à comunidade que a construiu a possibilidade de criar suas próprias narrativas? Uma vez que sabemos que esses moradores foram removidos para outras localidades, não deveríamos, sobretudo, nos voltar para elas a fim de encontrar imaginários que evidenciem a multiplicidade do Esqueleto?

À face do exposto, a presente pesquisa tem como objeto principal fotografias da Favela do Esqueleto, produzidas pela mídia e pelo Estado, atualmente pertencentes a arquivos públicos do Estado do Rio de Janeiro. A favela do Esqueleto foi um território que existiu fisicamente no Rio de Janeiro entre a década de 1930 e a metade da década de 1960. Entre os primeiros anos da década de 60, iniciou-se o processo de remoção dos moradores do Esqueleto, primeiramente para obras da Radial Oeste — atual Avenida Rei Pelé — e entre 1964 e 1965 por completo.

A escolha do objeto de pesquisa sucede por meio do entendimento de que a narrativa comum estabelecida em relação à Favela do Esqueleto é de uma favela brutalmente removida e que teve sua existência erradicada, assim como outras que passaram pelo mesmo processo na década de 60. Essa visão singular do que foi o Esqueleto tende a aparecer com frequência, embora se data que a favela tenha existido desde a década de 30. Em contrapartida, há uma perspectiva pessoal, algo que se caracteriza como essencial para o andamento da pesquisa e escrita do trabalho, de alguém que conviveu com ex-moradores da Favela do Esqueleto ao longo da vida e que conhece histórias múltiplas sobre a comunidade.

Tendo isso em vista, o objetivo da pesquisa é realizar uma reflexão a partir dessas fotografias de modo a considerar suas brechas e lacunas, pensando no que elas podem ou não nos dizer sobre a Favela do Esqueleto, que não partam da

engessada narrativa da remoção, mas das multiplicidades vividas naquela comunidade. Partindo do princípio de que essas fontes visuais acompanham até hoje a memória da favela e de seus moradores, que por vezes é relacionada unicamente à violência ou totalmente esquecida, dessa maneira, dificultando ou anulando outras possibilidades de imaginação. Para isso, precisamos também compreender de que maneiras o imaginário da remoção foi instituído como a única forma de narrar a história do Esqueleto

É importante ressaltar que ao fazer isso, esta pesquisa não planeja censurar a realidade dura enfrentada pelos ex-moradores do Esqueleto durante o período em que foram removidos, tampouco desconsiderar os problemas cotidianos diante das precariedades sociais. O intuito deste trabalho não é ignorar esses fatos, mas dar a possibilidade de que outras narrativas possam emergir, visto que ao longo de sua historiografia, a Favela do Esqueleto é vista unicamente através do imaginário da violência, caracterizado principalmente pelas remoções. Entendendo, também, que “a história se constrói em torno de lacunas que perpetuamente se questionam, sem nunca serem totalmente preenchidas” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 147), e no caso das favelas removidas pelo Estado do Rio de Janeiro, este fato não seria diferente.

No caso da Favela do Esqueleto, foi identificado durante a pesquisa que a maioria das fotografias foram capturadas entre 1960 e 1965, durante os anos em que a foi removida, contendo raros registros dos anos anteriores. De forma alguma, isto significa não existam fotografias do Esqueleto anteriores aos anos das remoções, no entanto, abrangem uma parcela significativamente menor. Além das poucas identificadas, é preciso se atentar ao fato de que uma pesquisa iconográfica sobre o Esqueleto, ou qualquer outra favela removida, configura-se como atividade contínua, dessa maneira, ainda há muito para se identificar nos arquivos públicos e também em coleções privadas. Contudo, pode-se dizer que no caso do Esqueleto, grande parte das imagens conhecidas até o momento são fotografias enquadradas dos processos de remoções. Essa especificidade por si só se apresenta como uma das características do problema abordado neste trabalho.

Diante disto, o recorte temporal das fotografias selecionadas para o repertório visual deste trabalho serão de imagens produzidas ou publicadas entre 1960 e 1965. A escolha do recorte temporal se dá a partir da hipótese de que, embora sejam fotografias do período das remoções, grande parcela destes registros expõem também outras temáticas. Dessa maneira, a seleção de fotografias teve como

princípio norteador estes outros pontos de vista e ângulos que demonstrem diferentes aspectos das vidas dos moradores do Esqueleto.

Com a intenção de analisar as fotografias selecionadas e, entendendo que um dos objetivos deste trabalho é ouvir aqueles que constituem a história do Esqueleto, foram realizadas entrevistas com ex-moradores que atualmente vivem na Vila Kennedy. Os depoimentos com ex-moradores configuram-se como parte essencial desta pesquisa, a partir da compreensão de que tais pessoas experienciaram a comunidade em seu dia a dia. Estes testemunhos caracterizam-se como fundamentais para esta pesquisa, a partir da compreensão de que a imagem e a linguagem são solidárias entre si, como observa Georges Didi-Huberman, um dos principais teóricos para esta pesquisa:

Pois em cada produção testemunhal, em cada ato de memória, ambas — linguagem e imagem — são absolutamente solidárias, não cessando de compensar as suas respectivas lacunas: uma imagem surge amiúde no momento em que a palavra parece falhar, uma palavra surge frequentemente quando é a imaginação que parece falhar. (2020, p. 45)

Desse modo, parto da ideia de que, ao usar conjuntamente testemunho e fotografias, os objetivos desta pesquisa serão melhor alcançados, uma vez que a linguagem e as imagens, possibilitam olhar para este momento da história, questionando suas faltas e omissões. Os testemunhos são fontes primárias fornecidas por aqueles que vivenciaram aquele momento em seu cotidiano, e que tanto estimam um local para contar suas narrativas.

Quanto às etapas do desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas em cinco momentos: historiográfico, mapeando os trabalhos já desenvolvidos sobre a Favela do Esqueleto, sobretudo os que debatem imagem em certa medida; iconográfico, realizando um mapeando de imagens da Favela do Esqueleto; consulta em periódicos, pesquisando os principais jornais da época, através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; teórico, a partir da consulta e leitura de livros, artigos, textos e outras referências que dialogassem com os objetivos desta pesquisa; testemunhal, realizando entrevistas com os ex-moradores do Esqueleto. Estas etapas, apesar de listadas, não se configuraram como fases sólidas e isoladas, mas sim como etapas que se inter cruzam em diversos momentos durante o andamento do trabalho realizado.

O mapeamento historiográfico iniciou-se a partir da disciplina de Historiografia da Arte no Brasil, cursada em 2022.1, com o desenvolvimento do trabalho final de

disciplina. Neste período tive a oportunidade de dar início a minha pesquisa sobre a Favela do Esqueleto, que gradualmente foi amadurecendo. Dessa maneira, grande parte do levantamento de textos feitos na disciplina fazem parte do conjunto referencial do que veio a se tornar a pesquisa do trabalho final de graduação.

Também em 2022, conheci a professora doutora Letícia de Luna Freire, do departamento de Ciências Sociais e Educação da UERJ, coordenadora do projeto de pesquisa sobre a Favela do Esqueleto, intitulado *A favela e a universidade: histórias e narrativas do Rio de Janeiro em transformação*, que desenvolve um documentário a respeito do Esqueleto, do qual tenho o prazer de integrar. Participar deste projeto estimulou indiscutivelmente o andamento desta pesquisa, através do contato com outras fontes textuais e iconográficas, do diálogo com outros pesquisadores do tema, da participação em uma produção documental e do contato com depoimentos de pessoas relacionadas à favela.

Através do contato com outros pesquisadores do Esqueleto, conheci o trabalho desenvolvido por Emmanuelle Torres Costa, sua dissertação de mestrado *Morte e vida no Esqueleto: a construção social de um espaço marginalizado da cidade do Rio de Janeiro (1934-1965)*, configura-se como pioneiro ao propor uma revisão histórica da favela pela perspectiva dos moradores. Embora no campo da História Social, este trabalho foi de grande importância para a pesquisa aqui desenvolvida.

Com relação ao processo iconográfico, foi iniciado um mapeamento visual da Favela do Esqueleto a partir dos arquivos públicos situados na cidade do Rio de Janeiro. Os acervos mapeados foram o Arquivo Nacional — sendo este o proprietário do acervo iconográfico do periódico *Correio da Manhã* —, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) e o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), além do acervo online do *O Globo* e outros meios eletrônicos, com fotografias não devidamente referenciadas. Durante o mapeamento nos acervos foram reconhecidas 185 fotografias, parte produzida pela mídia, como o acervo do *Correio da Manhã* e do *O Globo*, e outra parte, pertencentes ao AGCRJ e ao APERJ, são registros do próprio governo, naquele período o antigo Estado da Guanabara governado por Carlos Lacerda.

A escolha por fotografias de arquivos ocorreu pelo caráter público e “oficial” desse conjunto de imagens, uma parte por ser produzida com fins jornalísticos, possuindo grande capacidade de circulação social, a outra, por serem registros

feitos pelo governo, a fim de mapear a localidade. Estas últimas, não necessariamente públicas em seu primeiro momento, mas atualmente, por comporem estes arquivos.

Considerando o contexto de um trabalho de conclusão de curso, não foi possível utilizar todas as fotografias mapeadas devido a sua amplitude, dessa maneira, fez-se necessário selecionar as imagens conforme as pretensões da pesquisa. Dito isto, desenvolvi uma seleção de fotografias que partem da concepção de montagem desenvolvida pelo filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman, muito relacionado ao Atlas Mnemosine de Aby Warburg e Walter Benjamin. Didi-Huberman entende a imagem como “objeto de montagem” (2012, p. 209), uma vez que, sobretudo aquela presente nos arquivos, não deve ser tomada como a pura verdade histórica. O teórico compreende que precisamos olhar para as imagens, revirá-las e cruzá-las com as demais presentes não apenas no campo da visualidade, mas também da linguagem.

Mas nem por isso o arquivo é o “reflexo” puro e simples do acontecimento, nem a sua pura e simples “prova”. Pois ele deve ser sempre elaborado mediante recortes incessantes, mediante uma *montagem* cruzada com outros arquivos. Não se deve nem sobrevalorizar o caráter “imediato” do arquivo, nem subvalorizá-lo como um mero acidente do conhecimento histórico. O arquivo exige a sua permanente reconstrução, mas será sempre a testemunha de algo. (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 145)

A fim de colocar a concepção em prática, pratiquei o exercício de impressão das imagens e iniciei um processo de relacioná-las entre si. No início, realizei movimentações intuitivas, separando as imagens por arquivos, depois fui complexando o esquema, separando núcleos por períodos, temáticas, coloração, etc. Experimentei também complexar o sistema e juntar fotografias que não necessariamente tinham relações aparentes. Ao passo que ia efetuando tais movimentações, fotografava e anotava as reflexões que surgiam, dessas observações foi possível selecionar as fotografias que afetaram meu olhar e suscitaram questões mais aproximadas das intenções da investigação.

A pesquisa em periódicos foi realizada através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde efetuei pesquisas livres por categoria de período — da década de 30 até 60 — com palavras-chave como “Favela do Esqueleto”, entre outras, relacionadas ao tema que vinham aparecendo recorrentemente. Na pesquisa destacaram-se os periódicos Correio da Manhã, Jornal do Brasil e A Noite, por

apresentarem mais ocorrências. Cabe ressaltar que as fotografias mapeadas do Arquivo Nacional compreendem o acervo do Correio da Manhã e o dossiê da Favela do Esqueleto, e conta com recortes das manchetes publicadas com as fotografias. Os periódicos caracterizam-se como fundamentais para a pesquisa, ao oferecerem algumas das variadas contextualizações históricas do período, principalmente quando falamos de imaginário social, pois os jornais estavam em interlocução com a sociedade, não necessariamente em concordância ou discordância, mas sempre em conexão. Dessa maneira, utilizá-los faz-se necessário, por serem também criações narrativas.

Quanto às referências teóricas para esta pesquisa, a fim de analisar as imagens, parto do conceito de Imaginário, elaborado pelo já mencionado filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman. Em *Imagens apesar de tudo*, o autor inicia o livro articulando que: “Para saber é preciso imaginar-se” (2020, p. 11), um pensamento que auxiliará, ao longo da escrita, sua defesa em relação às imagens. O ato de imaginar, para Didi-Huberman, não se configura como evocar o irreal e fictício, mas a capacidade de dedicar-se a refletir sobre aquilo que nos cerca, como, por exemplo, as imagens, as fontes, os arquivos, os testemunhos. Dessa maneira, não podemos falar de imagem sem imaginação.

Uma imagem sem imaginação é pura e simplesmente uma imagem que ainda não nos dedicamos a trabalhar. Pois a imaginação é trabalho, esse tempo de trabalho das imagens agindo incessantemente umas sobre as outras por colisões ou fusões, por rupturas ou metamorfoses... Sendo que tudo isso age sobre a nossa própria atividade de saber e de pensar. Para saber, portanto, é realmente preciso imaginar-se: a mesa do trabalho especulativa é inseparável de uma mesa de montagem imaginativa. (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 171)

Imaginar, também, compreendendo a imagem como múltipla e realizando o exercício de imaginação para pensar a partir de suas brechas e lacunas. Neste caso, o que as fotografias do período das remoções podem nos dizer para além desse fato, assim possibilitando os outros vislumbres daquele período, que deem espaço para novos imaginários emergirem.

Não só imaginar, Didi-Huberman também ressaltava que não devemos negar a imaginação. “Não invoquemos, portanto, o inimaginável” (2020, p. 11), ele pede ao falar das imagens de Auschwitz, por mais difícil que possa ser. Neste caso, não devemos categorizar como inimaginável as outras narrativas das quais fizeram parte

da história da Favela do Esqueleto, por mais instituído que esteja em nossas mentes o imaginário das remoções.

Paralelamente ao apelo para se imaginar o inimaginável de Didi-Huberman, o teórico e professor Márcio Seligmann-Silva, no ensaio *Narrar o trauma: a questão das catástrofes históricas*, diz que ao narrar o trauma é preciso “narrar o inenarrável” (2008, p. 67). Aqui, Seligmann-Silva sai em defesa do ato testemunhal, embora, devido ao trauma, no caso de catástrofes, possa ocorrer que o testemunho aconteça limitadamente, ou seja, de modo lacunar. A vista disso, entendendo o caráter lacunar da história do Esqueleto, a fim de buscar tais brechas nas fotografias que nos evidenciam outros aspectos da vida daquela comunidade, intento utilizar tanto a fala (depoimento) quanto a imagem (fotografia) para imaginar outras narrativas. Embora possam existir pontos de diferenças entre Didi-Huberman e Seligmann-Silva, tais conceitos e ideias apresentados por ambos se encontram na possibilidade da imaginação, tanto a partir da imagem quanto da linguagem.

Também compreendo como referência teórica-metodológica e poética para esta pesquisa a produção artística e trabalho em arquivo desenvolvido pela artista Aline Motta. Algumas de suas produções, como “Se o mar tivesse varandas” (2017), “Filha Natural” (2018–2019) e o livro “A água é uma máquina do tempo” (2022), me guiaram nos processos desta pesquisa, incentivando meu olhar durante todo o andamento, principalmente no contato com as imagens presentes nos arquivos. Em “Filha Natural”, por exemplo, Motta desempenha uma pesquisa iconográfica a partir de um desejo pessoal de descobrir mais sobre suas raízes familiares. Diante da dura realidade de que sua tataravó foi escravizada, Motta se vê no meio de fotografias, documentos textuais e depoimentos de sua família, em busca de encontrá-la. Nas produções artísticas geradas a partir desta pesquisa, a artista expressa as hipóteses levantadas a partir das fontes e as possibilidades da criação narrativa.

Quanto à metodologia para as entrevistas, foi produzido um questionário com perguntas padrão para todos os depoentes. Essas foram necessárias a fim de compreender o contexto geral de suas vivências no Esqueleto, como o ano em que se mudaram para lá, ou nasceram, questões relacionadas ao cotidiano na favela e quando foram removidos e transferidos para outra localidade. A outra parte da entrevista foi feita de maneira mais intuitiva e experimental, a partir da apresentação das fotografias selecionadas aos depoentes. As perguntas que surgiram a partir desta dinâmica foram estimuladas pelas reações e comentários surgidos a partir do

contato com as imagens. Contudo, todas as perguntas foram embasadas por um questionário-roteiro que me guiou durante toda a entrevista, tendo em vista o prévio contato com fotografias.

No que diz respeito aos depoentes, devido a minha relação como nascida, crescida e moradora da Vila Kennedy, e pela quantidade de ex-moradores que vivem na localidade, todos os entrevistados foram da comunidade mencionada. Em relação ao número de pessoas entrevistadas para este trabalho, devido a questões de tempo e densidade que demanda a pesquisa, foram realizadas entrevistas com cinco pessoas: Maria José Peixoto (1938); Creuza Mariano (1947); Antônio Carlos da Silva (1951); Rosemary Silva de Souza (1951) e Elenir da Silva Sarandão (1954). Os entrevistados foram crianças, adolescentes e jovens adultos durante o período em que viveram na Favela do Esqueleto, com lembranças não apenas pessoais, mas também a partir do que seus familiares lhes transmitiram.

Ao longo do primeiro capítulo, apresentarei aos leitores duas fotografias na quais são possíveis identificar que, desde a época em que a favela ainda estava de pé, ocorreram, direta e indiretamente, a criação de narrativas que perpetuaram um imaginário de remoção e violência. A partir das mesmas, observarei por quais fins e como estas narrativas foram empregadas, uma vez que continuam sendo usadas quase que exclusivamente para contar a história do Esqueleto. Ao fazer isso, será possível destrinchar outras narrativas a partir das fotografias, que apresentem imaginários relacionados à afetividade e família, por exemplo.

No subcapítulo analisarei a narrativa governamental de que os moradores do Esqueleto se convenceram de que as propostas de Carlos Lacerda eram ideais e, assim, de bom grado, deixaram a favela. Embora não seja desconhecido que os moradores do Esqueleto lutaram por seus direitos durante todo o tempo que viveram na favela, esta parte da história ainda não foi estudada no grau de importância que merece. Quando optamos por contar a história do Esqueleto a partir da narrativa “remoção e fim”, escolhemos também não olhar para as histórias de resistência por trás da própria factualidade da remoção.

No segundo capítulo desenvolvo um olhar coletivo para cinco fotografias a fim de me debruçar sobre as temáticas apresentadas nas mesmas. Dentre todas as fotografias levantadas durante o mapeamento, as cinco incitaram uma atenção maior por demonstrarem os moradores do Esqueleto no cotidiano, com suas rotinas e costumes, embora diante da realidade da remoção, durante todo aquele período.

O imaginário instituído de que a única coisa que aqueles moradores faziam era se preparar para serem removidos de suas casas e viviam em função disso, é errôneo, e, embora a realidade da remoção estivesse sempre presente, aquelas pessoas não deixaram de viver diariamente. Os moradores do Esqueleto tinham seus trabalhos, estudos e religiosidades, se relacionavam em família e em comunidade, dentro e fora do Esqueleto. Produzir narrativas, atualmente, que condicionem aqueles moradores a uma única realidade, pautada na violência, é um equívoco e o principal objetivo deste trabalho está inclinado para o oposto.

Por último, se faz importante destacar que esta pesquisa buscou, sobretudo, propor novas narrativas, auxiliar na manifestação de imaginários a partir das imagens dos arquivos e do testemunho dos ex-moradores. Não é o propósito deste trabalho a procura por uma verdade plena sobre a Favela do Esqueleto, isto seria ir contra todos os pensamentos aqui debatidos até o momento. Ao contrário, não olharemos para as fotografias de arquivo aqui analisadas como “imagens fixas”, mas compreendendo que “cada descoberta surge nele como uma *brecha na história concebida*, [...] que o investigador vai tentar remendar no tecido de tudo aquilo que já sabe, para produzir, se for possível, uma *história repensada*.” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p 144). Desse modo, este trabalho se insere na possibilidade de produzir uma história repensada da Favela do Esqueleto, por meio de sua multiplicidade.

CAPÍTULO I: UM ESQUELETO DE IMAGINÁRIOS INCOMPLETOS, FRAGMENTADOS E RESGATADOS, MAS, APESAR DE TUDO, EXISTENTES.

Nos ensaios presentes no livro *Imagens apesar de tudo*, Georges Didi-Huberman defende seu argumento de que devemos olhar para fotografias do Holocausto, pois apesar dos horrores e da dificuldade em olhar para imagens do genocídio ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, é preciso que façamos isso, apesar de tudo. Em dado trecho ele insiste que: “A 'razão na história' é sempre objeto de refutação”, mas que, embora se possam ter utilizado de diversas objeções para refutar, os: “arquivos de *Shoah* definem certamente um território incompleto, resgatado, fragmentado — mas, independentemente de tudo isto, este território existe” (2020, pp. 38-39). Pois, mesmo que o Estado nazista tenha organizado estratégias de desaparecimento, queimando todo tipo de arquivo, incluindo fotografias, a memória daquele território permaneceu por meio da sobrevivência dos mesmos.

Ainda que se tratando de contextos e momentos particulares da história, de complicada comparação, às abordagens propostas por Didi-Huberman nesses ensaios ressoam significativamente na existência das favelas removidas do Rio de Janeiro. No caso da Favela do Esqueleto, embora não tenhamos ciência de nenhum projeto de destruição de documentos relacionados à localidade, há poucos registros iconográficos que não tenham sido associados unicamente à narrativa da remoção e da violência, no momento em que foram produzidos, nos anos seguintes e se estendendo até a atualidade. Em outras palavras, podemos compreender este controle sobre as narrativas da Favela do Esqueleto, como uma estratégia do desaparecimento, por meio da criação e instituição de um imaginário pautado na violência, que dificultou que a comunidade fosse vista por outras óticas.

Pode-se entender melhor como parte da história do Esqueleto foi ocultada, mediante uma reportagem publicada em 21 de janeiro de 1962 pelo *Correio da Manhã*. Na ocasião, uma fotografia⁶ foi associada com a manchete “Mudança da Favela”, que noticiou a retirada dos moradores da localidade devido à abertura de um novo trecho da então Avenida Radial Oeste. No entanto, não é necessária uma

⁶ Dentre as fotografias identificadas durante a pesquisa iconográfica, da qual podemos datar, esta é a mais antiga em um conjunto com outras duas também da década de 50. Dessa maneira, há três fotografias da década de 50, em um grupo amplo de fotografias produzidas na década seguinte.

pesquisa aprofundada para constatar que a imagem, na verdade, foi produzida em 1953. A própria matéria deixa isso em evidência nas primeiras linhas: “A foto acima foi tirada há 9 anos, quando a Favela do Esqueleto possuía apenas alguns barracos. Já naquela época dizíamos que barracos surgiam no local onde viria a ser mais tarde a Avenida Radial Oeste” (CORREIO DA MANHÃ, 1962). Também é possível identificar esses fatos por meio das datas "21 de janeiro de 1953" e "21 de janeiro de 1962", marcadas no verso da fotografia, mais uma vez apontando para a distância entre os períodos de seu registro e de publicação, exatos 4 dias para completar 9 anos.



Figura 4: Favela do Esqueleto, 1953. Fotografia do Correio da Manhã, 1962. Arquivo Nacional.

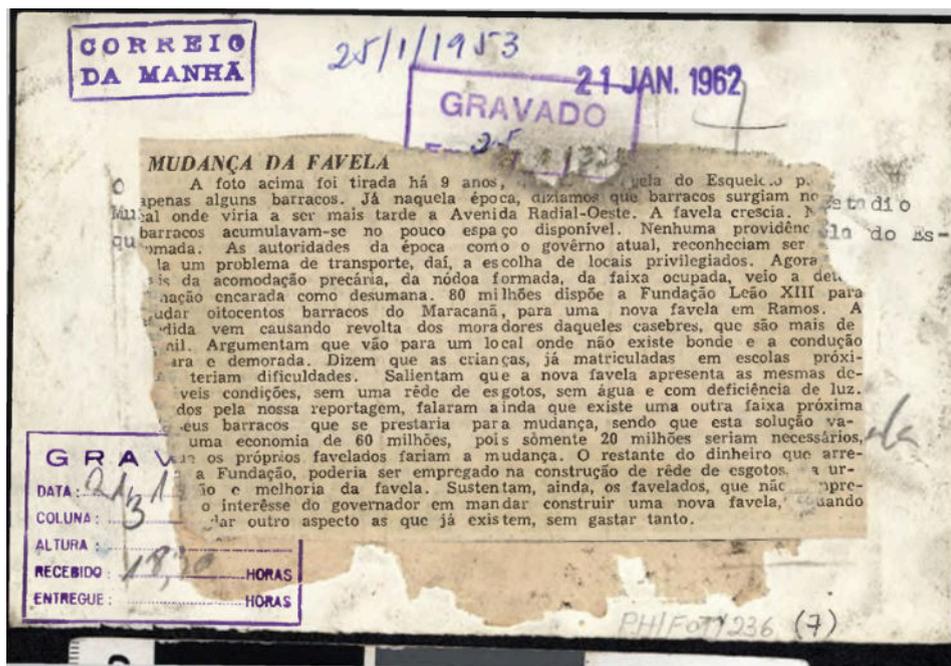


Figura 5: Verso de Fotografia da Favela do Esqueleto pertencente ao periódico Correio da Manhã e anexado ao trecho de reportagem publicada em 1962. Arquivo Nacional.

Não é possível saber ao certo as intenções do fotógrafo ao registrar aquele momento,⁷ no entanto, ao relacionar esta imagem com a reportagem, o Correio da Manhã estabeleceu a Favela do Esqueleto como um problema que vinha crescendo há anos. “A Favela crescia. Novos barracos acumulavam-se no pouco espaço disponível. Nenhuma providência foi tomada” (CORREIO DA MANHÃ, 1962), inicia o trecho seguinte da reportagem, reafirmando a perspectiva de que, para eles, a densidade gradativa da comunidade era um transtorno e o Estado apenas observou isso acontecer, sem tomar uma atitude prévia.

Eventualmente, o crescimento da favela, posto como adversidade, começaria a ser solucionado com as obras da avenida, que aconteceram entre o final de 1961 e o início de 1962⁸ e removeu de suas moradias uma parcela dos moradores do Esqueleto que viviam naquele trecho. Embora o jornal caracterizasse a comunidade que vinha se formando naquele terreno como adversidade, tendo chamado-a até de “nódoa”, a reportagem diverge de tom em alguns momentos, quando relata que a

⁷ Cabe destacar aqui a pertinência da perspectiva dos fotógrafos que trabalhavam tanto para os periódicos quanto para o governo, embora não tenha sido possível neste trabalho se aprofundar nesta questão devido às limitações de um trabalho de conclusão de curso.

⁸ [...] os moradores que viviam na região mais próxima à Estrada de Ferro da Central do Brasil começaram a ser desapropriados e transferidos para o Centro de Habitação Provisória, CHP, construído pelo governo Lacerda às margens da Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso. O secretário de Serviço Social, José Arthur Rios, nomeou o local de Nova Holanda, por estar no mesmo nível da baía, assim como a Holanda é do mesmo nível do mar. [...] Mais de 500 moradores foram transferidos para o CHP da Nova Holanda entre o final de 1961 e 1962 [...]” (COSTA, 2022, p. 130).

determinação vinha sendo considerada desumana. Para mais, também revelam na reportagem que uma organização vinha sendo formada pelos moradores, que eram conscientes de que a remoção não iria beneficiá-los. Esses moradores argumentaram que o custo para prestar serviços de melhorias no Esqueleto era menor do que a solução de transferência para um local mais afastado do centro da cidade.

Diferentemente da narrativa criada pela reportagem do jornal, esta fotografia do Esqueleto expressa uma quietude singular, distinguindo-se do imaginário instituído. A câmera, direcionada ao Esqueleto, não dentro, mas posicionada em uma larga e arborizada rua com acesso à comunidade, nos dá a sensação de que estamos entrando naquele local pela primeira vez. A pequena presença de pessoas circulando, podendo-se visualizar apenas algumas em uma certa distância; um único automóvel passando pela mesma rua onde o registro foi feito, talvez se direcionando à comunidade; as poucas casas em frente ao prédio inacabado. Todos esses elementos dão a sensação de que somos alguém recém-chegado diante de uma novidade, talvez um novo começo.

Como podemos observar pelas poucas casas aparentes na fotografia e pela menção de que a favela crescia, segundo a reportagem do Correio da Manhã, pode-se dizer que durante a década de 50 muitos se mudaram para o Esqueleto. A sensação de que algo está iniciando, proporcionada ao olharmos para a fotografia, decerto era um sentimento comum para muitas famílias. Uma das entrevistadas para este trabalho, Maria José Peixoto, casou-se e mudou-se com o marido, de Garanhuns, em Pernambuco, para a Favela do Esqueleto em 1955. Durante a conversa, Dona Maria José conta que seu marido, que era um trabalhador marítimo, adquiriu uma casa na favela na rua de encontro com a antiga Fábrica Chapéus Mangueira⁹, próxima ao morro¹⁰.

A história da minha família com o Esqueleto também iniciou na década de 50, quando minha avó, Venina Miranda da Silva, e meu avô, Sebastião Monteiro da Silva, se mudam para o Esqueleto com a filha Elenir, de 2 anos, um ano após a

⁹ A fábrica Chapéus Mangueira, foi um importante meio industrial do Rio de Janeiro durante o período em que funcionou: [...] os Chapéus Mangueira disputaram o mercado consumidor da moda e do vestuário no Brasil até fins da década de 1960. A sua fábrica, localizada na região do morro da Mangueira, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, marcou as vidas de gerações de trabalhadores e de trabalhadoras[...]” (SANTOS, 2021).

¹⁰ Depoimento de Maria José Peixoto, cedido à autora, em 29 de janeiro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro.

fotografia do Correio da Manhã. “Parece que aqui tava começando, né?”, pergunta retoricamente minha tia materna, Elenir da Silva Sarandão, enquanto lhe apresento a fotografia. Ela também detalha, através de um mapa mental, qual parte do Esqueleto estamos olhando: “Essa aqui é a lateral da favela que dava de frente pro Maracanã. Pro Estádio Maracanã. Hoje em dia a gente passa nessa lateral quando desce do metrô para entrar pra UERJ pela frente. Aqui atrás é a Mangueira”.¹¹

Ainda no depoimento, Elenir contou que sua família, originária do interior do Rio de Janeiro, se mudou para Niterói, onde ela nasceu; porém, logo se mudaram novamente para o Esqueleto, pois: “Estava surgindo algumas casas num terreno abandonado, que seria o terreno de um hospital futuramente, e meu pai saiu lá de Niterói para viver ali, no caso Maracanã, porque ele trabalhava ali próximo”.

O futuro hospital mencionado refere-se ao fato de que o terreno em que se formou a Favela do Esqueleto era um projeto do governo da época para a criação de um Hospital das Clínicas, ligado à Faculdade de Medicina. Em uma reportagem de 31 de dezembro de 1947, o jornal Correio da Manhã relata este ocorrido, informando que em 1929 o Ministério da Educação e Saúde estava encarregado da construção de um edifício que abrigaria a “Faculdade de Medicina ou o Hospital de Clínica Geral”, entre as localidades das “ruas Turf Club, São Francisco Xavier, Oito de Dezembro e o muro da Estrada de Ferro Central do Brasil”. No entanto, em 6 de janeiro de 1931, por motivos de falta de verba, ou “por outro motivo qualquer”, ironiza o autor da reportagem, as construções foram paralisadas (CORREIO DA MANHÃ, 1947).

Essa reportagem do Correio da Manhã é particularmente significativa, pois, em seu conteúdo podemos observar diferentes pontos importantes da história do Esqueleto, e, ainda que partindo do olhar midiático sobre a comunidade, possui o registro da voz dos moradores por meio de depoimentos. Sinteticamente, o jornal apresenta como se deu a formação da comunidade e expõe algumas características da dinâmica entre a comunidade e o poder público.

É importante destacar que nesta reportagem é evidenciada também a dinâmica e visão deste veículo de informação em relação às favelas naquele período. Entre outras denominações preconceituosas, a reportagem aponta para as complicações das ruas tortas e estreitas da favela e descreve que estas estão

¹¹ Depoimento de Elenir da Silva Sarandão, cedido à autora, em 12 de janeiro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro.

“cheias sempre de um cortejo vergonhoso de mulheres sujas e maltrapilhas” (CORREIO DE MANHÃ, 1947). Este dado é relevante, pois a forma que um dos principais canais de comunicação da época via o Esqueleto reflete também a visão da população e de outros veículos da mídia. Embora, ao longo da matéria o jornal se apresente como um possível aliado da população mais humilde e trabalhadora, a linguagem insensível e preconceituosa utilizada para se referir aos moradores de tais localidades revela a relação ambígua que os principais canais de informações da época tinham com as favelas.

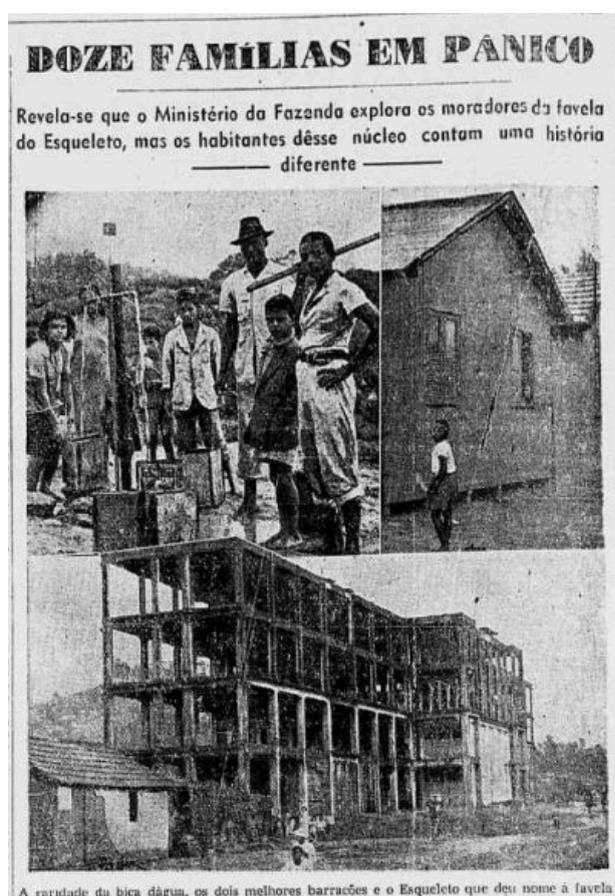


Figura 6: “Doze famílias em pânico”, Correio da Manhã, 31 de dezembro de 1947. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

“Doze famílias em pânico”, lê-se na manchete. A reportagem trata de uma denúncia ao órgão responsabilizado pelo terreno abandonado, o Ministério da Fazenda, que estava concedendo, em forma de aluguel, lotes para que alguns de seus funcionários construíssem casas e vivessem com suas famílias na favela. O pânico reportado na notícia refere-se aos moradores que habitavam o local e que se sentiam ameaçados depois das informações expostas em uma reportagem anterior,

que revelou o trâmite de aluguéis organizado pelo governo (CORREIO DA MANHÃ, 1947). Os moradores demonstraram medo de que suas casas fossem tiradas deles e tal receio foi comunicado, em depoimento, por Américo Benedito Conceição, ao final da reportagem:

Todo o terreno que compreende a favela do Esqueleto, administrado pelo Ministério da Educação, pertence ao Ministério da Fazenda, tendo este, **há treze anos**, resolvido beneficiar um grupo de doze dos seus servidores mais modestos, cedendo-lhes pequenas áreas para a construção de casas. Os barracões, entretanto, foram construídos pelos próprios funcionários e a estes pertencem inteiramente. (CORREIO DA MANHÃ, 1947, grifo da autora)

Apesar do receio sentido por esses específicos moradores do Esqueleto — bem demarcado pelo jornalismo do Correio da Manhã por expressões como “pânico” —, que tinham medo de perder seus imóveis, podemos observar um grupo que se pronunciava para reivindicar seus direitos. Diferentemente do que os jornalistas reverenciavam como “explorados”, ao longo da matéria, estes moradores do Esqueleto tinham consciência do seu lugar e, muito antes da remoção, estavam lutando para permanecer no mesmo.

Para além do que foi explicitado, um dos pontos mais importantes da declaração é a menção de que durante treze anos o Ministério beneficiou¹² 12 famílias, desse modo, podemos estimar que desde 1934 aquela região estava sendo habitada. No entanto, o que importa aqui não é a definição cronológica do começo do Esqueleto, mas a compreensão de que aquela região vinha sendo habitada desde a primeira metade da década de 30, e continuava crescendo. Trata-se de olharmos uma segunda vez para a fotografia publicada pelo Correio da Manhã em 1962, mediante a possibilidade de imaginar proposta por Didi-Huberman. Trata-se de olharmos novamente para aquela fotografia, compreendendo que, mesmo diante de uma narrativa que sobrepõe a extinção daquela localidade, o Esqueleto, como comunidade, continuou desenvolvendo-se em diversos aspectos, ao longo das décadas de 30, 40, 50 e 60.

Em 1947, no mesmo ano em que a matéria foi publicada pelo Correio da Manhã, a família de Creuza Mariano, se mudou do Lins de Vasconcelos para o

¹² Embora Américo Benedito tenha categorizado este “acordo” com o Ministério como benefício, o morador relatou pagar aluguel por aquela moradia, que, mesmo valendo mil e quinhentos cruzeiros, era pago apenas 8 cruzeiros por mês para o Ministério. O que observamos aqui é um crime por parte do Estado, que utilizou de um terreno público para faturar, incentivando a ampliação de uma localidade que consideravam ilegal e no futuro demoliriam.

Esqueleto, quando ela tinha apenas 3 meses, e viveriam lá por 17 anos. Em certo momento, durante a conversa, Dona Creuza se emocionou e chorou ao relembrar dos momentos no Esqueleto. A maioria dos seus relatos giravam em torno da casa em que viveu e o convívio com a família, e, embora todos os entrevistados tenham compartilhado diversas lembranças similares, a forma em que a memória de Dona Creuza sempre retornava às intimidades de sua residência, principalmente da relação com sua avó e pai, foi notável.

CS - Se eu te pedisse para fechar os olhos e pensar na Favela do Esqueleto, você poderia descrever o quê vê?

CM - Olha... Eu não tenho o que reclamar do Esqueleto.

CS - O que você pensa? Quando falo Esqueleto, o que vem na sua mente?

CM - Não vem maus pensamentos, não vem nada. Eu sinto assim... alegre, porque no Esqueleto convivi com uma família, com a minha família maravilhosa, fui bem cuidada, com minha vó que me criou, o meu pai, os meus tios, as minhas tias. Eu só tenho lembranças boas... [pausa] do Esqueleto. [voz embargada]

CS - Que bom...

CM - Só!

CS - Bom que ficaram boas memórias, né?

CM - Na minha vida ficou.¹³

Dentre as fotografias identificadas durante o mapeamento iconográfico, é rara a existência de um registro em que podemos ver o interior de uma casa. Uma das poucas imagens, trata-se de um registro realizado entre os anos 1960 e 1965. Além do singular registro de uma habitação da favela, pode-se se dizer que é a fotografia mais íntima de todo o grupo, visto que apresenta um cenário bastante familiar. Na imagem, observamos uma mulher, certamente na faixa da terceira idade, sentada em uma cama, com as mãos próximas a uma criança, que também está sobre a cama, mas deitada e de costas. Esta fotografia caracteriza-se também como a mais tendenciosa de todo o grupo.

¹³ Depoimento de Creuza Mariano, cedido à autora, em 31 de janeiro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro.



Figura 7: Favela do Esqueleto, 1960–1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Embora seja um dos únicos registros do interior de uma casa no Esqueleto, isto não tem muita importância para a composição, uma vez que podemos ver pouco do local, que se limita apenas à estrutura de madeira, parte da cama, um móvel identificado por duas gavetas e uma janela aberta. O ponto em que nossa visão se direciona, favorecido pela escolha do ângulo e condicionado pela iluminação, está nas costas da criança — bem acentuada pela luz — e na senhora ao seu lado. Observamos as mãos da mulher repousar-se sobre a criança de maneira turva, já que o registro foi feito bem no momento em que o movimento acontecia, devido a isto, não sabemos se ela está colocando ou retirando as mãos.

É importante destacar que a fotografia faz parte de um conjunto de imagens produzidas pela equipe administrativa de Carlos Lacerda, durante seu período como governador do Estado da Guanabara. Lacerda foi o principal responsável pela erradicação do Esqueleto, tendo atuado durante 1960 a 1965, período em que a favela passou pelos processos de remoção. Dentre as fotografias presentes neste conjunto, o que se destaca são as imagens de visitas de Lacerda à comunidade, registros do recenseamento¹⁴ da favela, e das demolições durante as remoções e

¹⁴ Além do recenseamento realizado pela COHAB na década de 60, foram realizados outros na Favela do Esqueleto. Publicado em 1948, o primeiro recenseamento era feito nessas localidades, “partindo dos esforços da Comissão de Favelas do Departamento de Assistência Social da Prefeitura do Distrito Federal”. Dois anos após o Censo de 1948, o IBGE lança o Censo das Favelas Distrito Federal: “utilizando uma metodologia quantitativa, parecida com a do Censo de 1948, mas com uma

fotografias dos aspectos da comunidade, uma espécie de mapeamento das casas, moradores e localidade como um todo. Ao olharmos para essas fotografias, devemos ter em mente que foram produzidas por intermédio de uma ótica operada em cima da lógica da remoção e sua justificativa. Dessa maneira, é possível compreender o tipo de “aspectos” que o Estado buscava ao registrar a comunidade.

Este tipo de fotografia do Esqueleto, produzida pelas instâncias do Estado da Guanabara, foi produzida durante todo o período da década de 60 em que a comunidade estava de pé. Isto explica o porquê da maior quantidade de imagens que temos do Esqueleto nos arquivos pertencerem a esses anos, como comenta Emmanuelle Torres Costa:

É neste período que podemos verificar uma maior produção de dados sobre o Esqueleto e de registros fotográficos desta localidade, graças aos estudos executados pelo governo do Estado da Guanabara. A Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara, COHAB, desenvolveu um estudo que envolvia um recenseamento da localidade, para assim executar a desapropriação e transferência para Vila Kennedy. (2022, p. 145)

Considerando isto, pode-se argumentar que, de maneira tendenciosa, as escolhas feitas nesta fotografia, como iluminação, ângulo e a forma em que as duas pessoas presentes estão posicionadas, sugerem que se trata de uma senhora cuidando de uma criança doente, possivelmente um neto ou bisneto. Este fundamento se mostra mais transparente quando olhamos para a sequência de imagens registradas na mesma situação, disponíveis no acervo do AGCRJ mediante a cópias de contato¹⁵. Nesta sequência, presumidamente, uma família abriu suas portas para conversar com representantes do governo e foram feitos diversos registros na mesma residência naquele dia.

função diferente: compreender o fenômeno e as especificidades de cada localidade, sem o compromisso direto com sua extinção” (COSTA, 2022, p. 68).

¹⁵ As cópias de contato, são positivos feitos diretamente de um rolo negativo sobre um papel fotográfico. Esta técnica foi muito utilizada pelo fotojornalismo, uma vez que permite que o fotógrafo consiga visualizar todos os registros feitos, para assim realizar o processo de ampliação das fotografias desejadas. (AVELLAR, 2015)

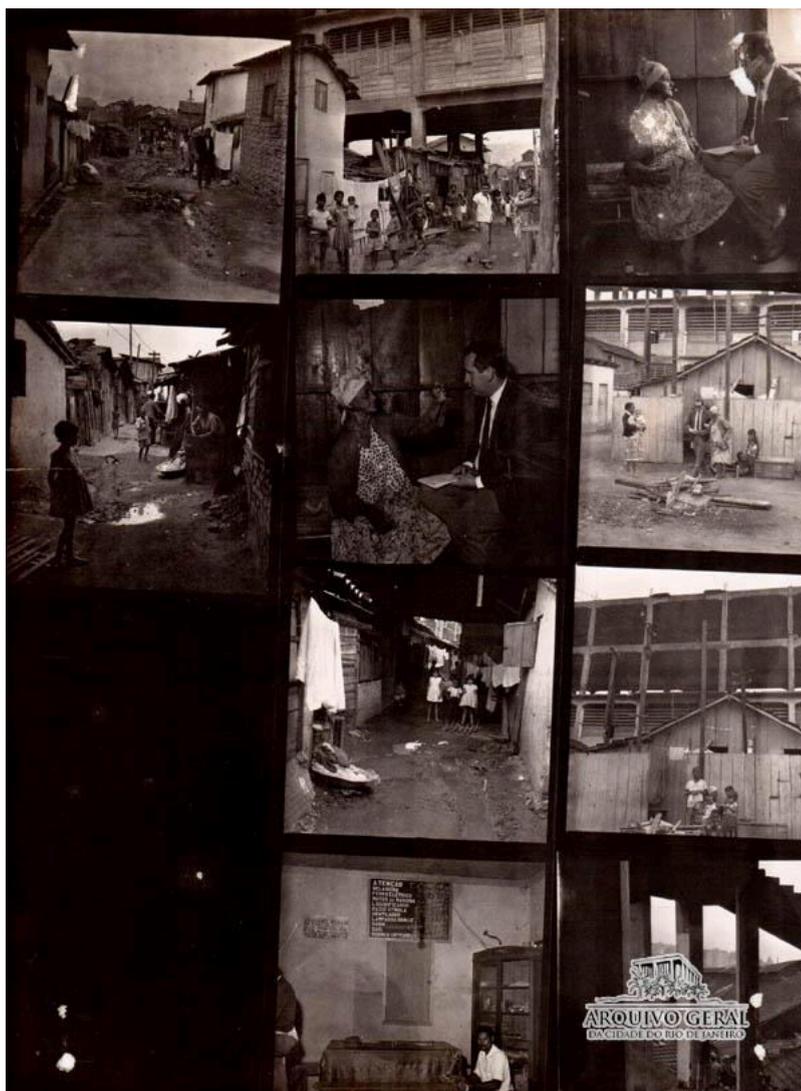


Figura 8: Favela do Esqueleto, 1960–1965. Cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



Figura 9: Favela do Esqueleto, 1960-1965. Cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Em dois registros é possível identificar a senhora, possivelmente matriarca da família, sentada no mesmo local em que se encontrava na fotografia ampliada. Porém, não é possível visualizar a criança ao seu lado. Dadas as circunstâncias que as imagens se encontram, por serem cópias de contato, em uma escala menor, terem pouca iluminação e falhas, é difícil identificar quem é a pessoa que se encontra ao lado da mulher. Contudo, conforme já exposto, possivelmente se trata se um membro do governo de Carlos Lacerda, devido às constantes inspeções que o Estado da Guanabara realizou na Favela do Esqueleto durante a década de 1960, como já mencionado. Existem, também, alguns registros da fachada da casa, em que podemos observar a possível composição familiar das pessoas que viveram nela. A esse respeito, a única outra fotografia desta família que identifiquei durante a pesquisa, foi um registro em frente à fachada da residência.



Figura 10: Família da Favela do Esqueleto, 1960–1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Sem embargo, as imagens que mais interessam aqui são dois registros que complementam a fotografia da senhora com a criança. No primeiro, possivelmente produzido segundos antes, vemos que a criança entra pela janela acima da cama e se deita na mesma, ao lado da senhora. Diferentemente, o segundo parece ter sido capturado logo após àquele ampliado, quando as mãos da mulher já estão sobre as costas da criança. Ao mesmo tempo, este segundo registro aparenta ser o mesmo da fotografia ampliada, difícil de ter certeza devido ao seu tamanho. Se este for o caso, — o que aparenta ser, se seguirmos a sequência dos registros — o escolhido pelo governo passou por um processo de edição e reenquadramento, que recortou parte do ambiente da residência, como a janela e os móveis.



Figura 11: Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



Figura 12: Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Não é possível determinar ao certo quais foram os objetivos diante das escolhas feitas pelos integrantes do governo em ampliar somente aquelas duas fotografias desta família. Tampouco, como e de que maneira foram usadas. No entanto, é plausível argumentar que o interesse por trás desta ação partia da lógica higienista do extermínio daquela localidade, bem como da hostilidade perante aquelas pessoas e a marginalização de uma comunidade. Não seria isto, então,

também o que Didi-Huberman entende como estratégias do desaparecimento por parte de uma autoridade dominante sobre um grupo de pessoas e um território?

Em seguida, os membros do Sonderkommando tiveram de “queimar sob uma estrita vigilância [...] todos os documentos sobre os detidos: fichários, processos verbais de óbito, atos de acusação e outra papelada do mesmo gênero”. É que justamente com os utensílios do desaparecimento, também era necessário *fazer desaparecer os arquivos, a memória do desaparecimento*. Uma maneira de mantê-la, ainda e sempre, na sua condição de inimaginável? (2022, p. 38).

Ao selecionar imagens que fortaleceram o imaginário do Esqueleto unicamente como uma localidade violenta e sofrida, justificativa para o ato da remoção, o Estado pôs na condição de inimaginável todas as outras possibilidades de olharmos para aquela comunidade.

Em contrapartida, olhemos novamente para a fotografia da senhora com a criança, juntamente com os dois outros registros. Quando olhamos para as três imagens, em conjunto, toda a prévia perspectiva em volta da fotografia muda. A imagem que antes conferia um tom adoentado, próximo a uma morbidez, se apresenta agora de maneira afetuosa. Posto isso, proponho um diferente imaginário para esta imagem, um que vem de encontro às memórias compartilhadas por Dona Creuza, que descreveu os momentos íntimos que vivenciou com sua família no interior de sua casa no Esqueleto.



Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



Favela do Esqueleto, 1960–1965. Recorte de cópia de contato. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



Favela do Esqueleto, 1960-1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Uma criança, após cansar de brincar na rua em frente a sua casa, corre pela janela — um ato costumeiro, que partilha com seus irmãos e primos —, para se deitar na cama, ao lado da sua avó, que o observa com afeição e repõe automaticamente a mãos sobre suas costas em um ato de carinho.

1.1 A resistência dos imaginários

Como já mencionado, as fotografias da Favela do Esqueleto, presentes nos acervos do AGCRJ e do APERJ, fazem parte de um grupo de variadas imagens produzidas pela gestão do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda. No entanto, por mais variado que aparente, este conjunto de fotografias detém um caráter examinante, um mapeamento analítico dos aspectos da comunidade e moradores. Quando olhamos para as fotografias desses acervos, parece que existe em suas temáticas uma constante tentativa do governo em registrar aquilo que justificaria qualquer fim necessário para a Favela do Esqueleto.

Esta tentativa, fabricada através do olhar do Estado para a Favela do Esqueleto, se manifesta de maneira inegável principalmente nas inúmeras fotografias das residências dos moradores. No acervo do AGCRJ, tendo como exemplo, existe uma quantidade significativa de imagens dos barracos de madeira e das moradias de palafitas. Contudo, embora pouco fotografadas, existiam casas de alvenaria em diferentes localidades do Esqueleto, o que não é comum nos imaginários difundidos das favelas, mas era uma realidade. Parte dos entrevistados residiam com suas famílias em casas de alvenaria, assim como Elenir, em que seu pai construiu a casa onde moravam. Essa característica das habitações do Esqueleto se configura como um dado importante, pois evidencia as diferentes condições sociais da favela e também enfraquece os imaginários pautados na lógica da homogeneidade daquelas vidas.



Figura 13: Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



Figura 14: Favela do Esqueleto, 1965. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.

Uma das temáticas, também constantes neste conjunto, são as fotografias de Carlos Lacerda e sua comitiva no Esqueleto, onde, em sua maioria, o governador aparece cercado de moradores, sobretudo crianças. Em uma dessas fotografias, produzida em 1965, observamos um desses casos; o governador, ao lado esquerdo da imagem, cercado por um conjunto de pessoas de diversas idades, mas com uma predominância de crianças. Ao lado direito, vemos um homem de terno com aparência similar à de Lacerda, possivelmente algum membro do governo. Ademais, é possível visualizar as condições das ruas e alguns dos tipos de casas que existiam na comunidade, ao lado esquerdo casas de madeiras e ao lado direito é possível visualizar uma casa de alvenaria. Ao longo das ruas, podemos observar outras pessoas se aproximando do evento. No geral, as feições daqueles que cercam o governador parecem curiosas e contentes com o acontecimento.

Embora não tenha sido praticável identificar se essas fotografias tiveram finalidades de uso público no período que foram realizadas, como em uma campanha política, por exemplo, é inegável a semelhança com este tipo de imagem.

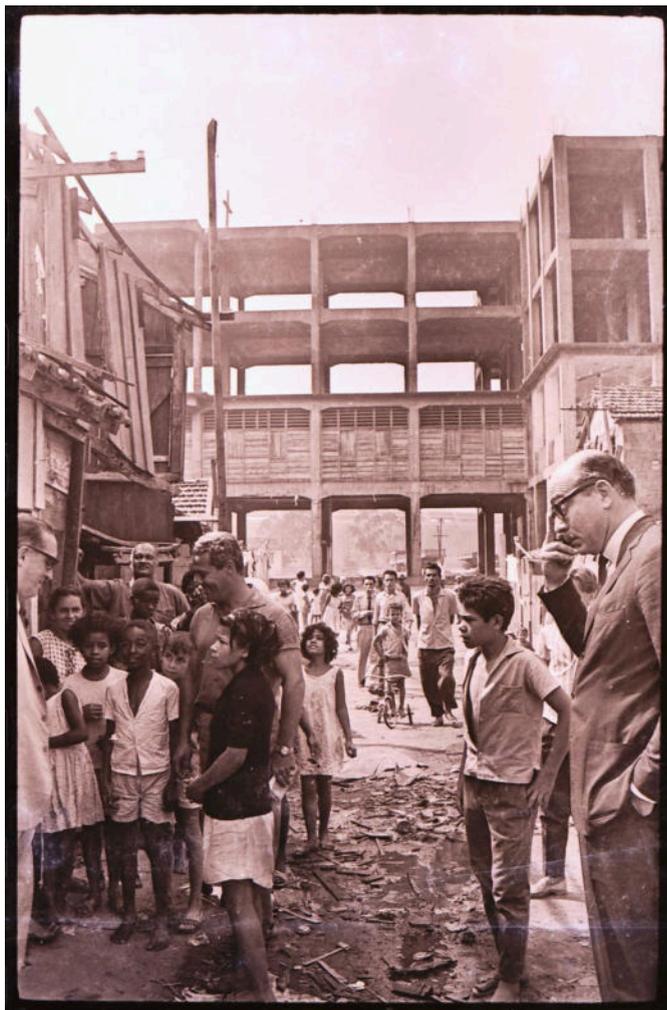


Figura 15: Visita do governador Carlos Lacerda à Favela do Esqueleto, 1965. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Durante seu governo, Carlos Lacerda se pronunciou constantemente em relação à remoção dos moradores do Esqueleto e como todo o processo foi realizado de bom grado por toda a comunidade, sem exceção. Segundo Lacerda, algumas pessoas até auxiliaram na logística das remoções. Em uma transmissão para a Rádio Roquette Pinto, em 4 de março de 1962, Carlos Lacerda diz que, diferentemente dele, nenhum outro governante teve a coragem de entrar no Esqueleto, e “sobre ela, rasgando-a de ponta a ponta, abrir uma avenida que comunicasse o subúrbio com a praça da Bandeira”, algo que ele acreditava parecer “inexpugnável” e “irredutível”. Nesta fala, podemos notar que o governador via que qualquer solução executada no Esqueleto deveria ser realizada com precisão, sem temor e com a força bruta. Na mesma entrevista, Carlos Lacerda informa que a remoção foi realizada de forma “voluntária, alegre e entusiástica”.¹⁶

¹⁶ Transcrição de rolo de fita do acervo Carlos Lacerda do AGCRJ. Consulta em: 24 de julho de 2024. Disponível em:

Ainda se referindo às remoções para a construção da Radial Oeste, em ocasião da inauguração da Escola Nova Holanda, em Bonsucesso, em 30 de agosto de 1962, Carlos Lacerda discursa para os moradores de uma das habitações criadas para receber as famílias removidas do Esqueleto. No discurso, diz que a escola inaugurada foi seu “primeiro filho” e o “filho mais sofrido”, pois se tratava de uma habitação modesta, feita com pouco dinheiro, mas necessária para resolver o problema do Esqueleto, sendo um entre os “1 milhão de cariocas que moravam nas favelas do Rio de Janeiro”¹⁷. Mais a frente, Lacerda informa que:

foram **os próprios moradores da favela do Esqueleto que ajudaram o governo a resolver o problema**. Comenta que a Nova Holanda era, talvez, o mais modesto dos projetos de bairros novos, em que se havia de transformar a série de favelas do Rio de Janeiro. Explica que ainda era feito de madeira, mas tinha a seu favor coisas consideradas extraordinárias: não era um mangue, não era um atoleiro, não era um brejo, tinha sido drenado e aterrado; tinha água, esgoto, luz, escola, rua, portanto, tinha melhor condição de saúde, de trabalho de moradia e de alegria.¹⁸

A partir dos depoimentos do governador, é possível perceber uma tendência em assegurar à população que o Esqueleto foi removido, mas com todo apoio e auxílio dos moradores. Em seu uso de palavras e expressões, podemos perceber que Lacerda entendia o Esqueleto e, por assim dizer, as favelas no geral, como um problema que necessitava ser resolvido, e até mesmo exterminado. Ao mesmo tempo, o governador entendia que aquelas ações poderiam ser vistas como dolorosas, dessa maneira, se pudesse assegurar para o resto da população e imprensa que os moradores também consentiram em sair do Esqueleto, a remoção pareceria menos dolorosa. No entanto, os moradores tinham receio de serem retirados e expuseram isso diversas vezes, como vimos nas reportagens de 1947 e 1962 do Correio da Manhã. Para muitos, sair do Esqueleto não significava melhoria nas condições de vida e permanecer na comunidade seria um processo mais em conta, tanto para eles quanto para o governo. O próprio Carlos Lacerda reconhece isso, quando revela as condições das habitações do centro habitacional da Nova Holanda.

Durante as remoções de 1965, Carlos Lacerda continuou com a narrativa de que era do desejo dos moradores se retirar da favela. Em um discurso de 2 de

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4203646/4101353/fitas_carlos_lacerda_1_100.pdf. (Grifo da autora)

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ *Ibidem*

agosto de 1965, ele assegura que “a população da favela do Esqueleto tinha sido transferida para outro lugar e com boa vontade, ninguém lá foi contra”¹⁹. No mesmo ano, em pronunciamento de 26 de julho de 1965, o governador comenta que a remoção gerou polêmicas na imprensa e também na opinião do resto da população. Um comentário relevante é que, segundo Lacerda, até “num setor da igreja” este tema foi debatido e que o posicionamento de um padre gerou uma série de problemas na favela Brás de Pina²⁰. Este comentário é interessante, pois a favela Brás de Pina²¹ foi uma das primeiras favelas urbanizadas, em 1969, caracterizada pela luta conjunta da comunidade em pleno cenário de Ditadura Militar.

Neste momento é necessário mencionar a atuação intensiva de Carlos Lacerda, enquanto governante, nos primeiros anos do período da Ditadura Militar e sua dura influência na retaliação da população, sobretudo, no setor que diz respeito às políticas habitacionais, com projetos higienistas de remoções das favelas do Rio de Janeiro.

Formatada após 1962, durante a administração estadual da Guanabara de Carlos Lacerda (1960-1965), a política de remoções foi federalizada pelos militares após 1964. Além de ser um dos diversos elementos da sólida estrutura que formaram a política habitacional, um dos principais pilares da política econômica do período, deixou o seguinte saldo: eliminação de históricas favelas do valorizado metro quadrado da zona sul carioca, mais visivelmente nos bairros do Leblon e da Lagoa, contribuindo consideravelmente para a construção de um espaço urbano segregado e prejudicando um grande contingente populacional a ter acesso a serviços diversos e oportunidades de emprego. (GONÇALVES; AMOSORO, 2014, p. 210)

Ainda que com oposições vindas de apoiadores e opositores, que indicavam um problema na criação em massa de conjuntos habitacionais ²² e que o

¹⁹ *Ibidem*

²⁰ Transcrição de rolo de fita do acervo Carlos Lacerda do AGCRJ. Consulta em: 24 de julho de 2024. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4203646/4101356/fitas_carlos_lacerda_171_300.pdf

²¹ “A urbanização da favela Brás de Pina, no Rio de Janeiro, 1969, realizada pelo grupo QUADRA, integrado pelos arquitetos Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Silvia Wanderley e Rogério Aroeira, em parceria com a Companhia de Desenvolvimento de Comunidade (CODESCO), surge como ponto de inflexão enquanto episódio paradigmático do processo de urbanização participativo em espaços informais (neste caso, favela) num contexto de política habitacional marcado por remoções no Brasil. Paradigmático por sua conjuntura específica - foi um dos primeiros projetos participativos a ser de fato executado, iniciado por uma mobilização popular dentro do contexto da Ditadura Militar (1964-1985) e executado por gestores estatais” (CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO, [20-]).

²² Lacerda criou a Coordenação dos Serviços Sociais, onde trabalhou ao lado de Sandra Cavalcanti para efetuar um plano habitacional. Com a ajuda de investidores, criaram conjuntos habitacionais como o da Vila Kennedy, financiados pela Aliança para o Progresso, parceria de empréstimo com o governo dos Estados Unidos. (GONÇALVES; AMOSORO, 2014, pp. 211)

custo-benefício da urbanização era mais indicado, o governo Lacerda efetuou a remoção de 41.958 pessoas. (GONÇALVES; AMOSORO, 2014, pp. 211-214)

Embora o destino da Favela do Esqueleto tenha sido diferente da favela Brás de Pina, as declarações feitas por Carlos Lacerda quanto à mudança dos moradores caracterizam-se como um discurso manipulativo para a mídia, um controle da narrativa para instituir de que maneira o Estado gostaria que aquele processo fosse visto. É possível atestar que muitos dos moradores do Esqueleto eram contra a remoção e lutaram ao longo dos anos para que não ocorresse. Não se deve exprimir que todos os moradores do Esqueleto foram contra a remoção, ou, ao contrário, que todos aceitaram de “bom grado”, como na narrativa criada por Lacerda. Fazendo isso, estaríamos generalizando os interesses da comunidade do Esqueleto e desumanizando aquelas pessoas ao não considerar as diferenças de perspectivas presentes em uma localidade extensa.

As respostas dos ex-moradores que entrevistei, apontam para as diferentes ações da comunidade do Esqueleto frente à remoção. Antônio Carlos informou que seus pais participaram de reuniões que abordaram as mudanças dos moradores e, mesmo que muitos tenham rejeitado as remoções, não conseguiram ficar, “porque ordem do governo tinha que ser cumprida e acabou”²³. Assim como Carlos, Dona Creuza relatou que muitos foram contra, mas que ela não lembra se ocorreu algo grave. A entrevistada, Rosemary Silva de Souza, disse que a maioria não queria sair e parte da comunidade, principalmente aquela que vivia perto da linha do trem, teve que sair à força. No entanto, ao contrário destes, seu pai foi um dos poucos que quiseram ser removidos, ela brincou, relatando que: “se bobear, só quem quis sair mesmo, que saiu assim, foi papai, porque o resto...”.²⁴

Durante aquele período, a mídia²⁵ reportou a organização que vinha sendo formada pelos moradores do Esqueleto pela permanência na comunidade. Em 22 de fevereiro de 1964, o jornal Última Hora publicou uma reportagem que menciona uma organização realizada por moradores das favelas da Praia de Ramos, Praia do

²³ Depoimento de Antônio Carlos, cedido à autora, em 22 de janeiro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁴ Depoimento de Rosemary Silva de Souza, cedido à autora, em 25 de janeiro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁵ O contrário também foi reportado, uma matéria do jornal A Noite publicou, em 24 de janeiro de 1962, que a demolição do Esqueleto foi “Saudada com foguetes”, e que ex-moradores como a D. Maria Perpétua era “das mais felizes, fazendo questão de frisar que em sua nova casa terá água encanada” (A NOITE, 1962).

Pinto, Caju, Catacumba, Esqueleto, Maré e Rocinha, diferentes favelas cariocas que passavam por ameaças de remoção naquele período. Essa junção foi realizada:

Num movimento de resistência para impedir que o governo do Estado o seu desterro em massa para Bangu, conforme o plano executado pela Secretaria de Serviço Social do Estado, Sr.^a Sandra Cavalcante, que quer removê-los à força (ÚLTIMA HORA, 1964).

A reportagem prossegue informando que os moradores estavam denunciando as violências sofridas diretamente ao então Presidente da República, João Goulart, e que não queriam ir para a Vila Kennedy, pois lá “ao contrário do que apregoa o Governo do Estado, não há escolas, armazéns e quitandas, nem posto médico e transportes” (ÚLTIMA HORA, 1964).

A movimentação dos moradores da Favela do Esqueleto, que criou organizações que denunciavam as condições em que viviam, buscando melhorias sociais, bem como toda a frente que lutou pela permanência na localidade, não é algo que se limita à década de 60. Embora as remoções tenham ocorrido neste período, o Estado, mesmo que tenha influenciado no crescimento da favela em certas instâncias, também se mostrou incomodado com o Esqueleto por anos e, antes mesmo da década de 60, os moradores se mostravam preocupados em serem removidos:

(...) em 1959 os moradores do Esqueleto, em conjunto com moradores de outras favelas da cidade, promoveram um Congresso de Favelados. O objetivo do congresso, além de alinhar as pautas dos moradores de favela, era o de construir uma crítica à Serfha, Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas. [...] Neste congresso os moradores do Esqueleto, através da figura de Antônio Emídio reforçam a mudança do nome da localidade para “Bairro Nossa Senhora das Graças”, afirmando que quem visitasse a “antiga Favela do Esqueleto” ficaria surpreendido com o trabalho de melhoramentos já executado pela “Associação dos Homens de Boa Vontade”. A associação era composta por “operários cristãos” que em prol da “antiga Favela do Esqueleto” articularam mutirões para autoconstrução na localidade, além de negociarem encaminhamentos a escolas e hospitais para os moradores. Segundo Antônio Emídio, presidente da Associação, os moradores do Esqueleto estavam prontos para cooperar com a Prefeitura para a promoção de melhoramentos na localidade. (COSTA, 2022, pp. 109-110).

É interessante destacar que uma das pautas levadas pelos moradores por meio da Associação dos Homens de Boa Vontade é a que expõe as necessidades de melhorias na comunidade, e que este grupo já vinha executando estas de maneira articulada. Pela forma que apresentaram as pautas, tudo indica que a

“autoconstrução” operada pelos moradores vinha acontecendo há algum tempo e com frequência, dado os detalhes de nível de organização do grupo.

No acervo do Correio da Manhã há três fotografias que mostram os moradores do Esqueleto participando desse tipo de reunião. Uma delas, publicada pelo jornal em 28 de novembro de 1964, mostra o presidente da FAFEG, Federação das Associações

de Favelas do Estado da Guanabara, Etevaldo Justino de Oliveira, sentado à mesa, ao lado de outros homens, enquanto discursa para um grupo de pessoas que vemos parcialmente. Segundo a reportagem, tal discurso fazia parte de uma assembleia organizada por associação de moradores do Esqueleto, em conjunto com a FAFEG realizada na noite anterior à matéria. (CORREIO DA MANHÃ, 1964).



Figura 16: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.

Segundo a reportagem, na reunião realizada no prédio do esqueleto, que contou com a presença de “dois mil favelados”, foi decidido entre os moradores “lutar pela permanência na favela do Esqueleto, e cobrar a promessa do governador, no sentido de urbanizá-la”. Os moradores também discursaram, e, vários “oradores, todos favelados”, afirmaram que tal promessa de urbanização foi feita pelo próprio Carlos Lacerda no discurso de inauguração do trecho da Radial Oeste, anos antes. Para eles, seria inviável a mudança para a Vila Kennedy, e estavam preparando um memorial a ser encaminhado para o governador, com a assinatura de todos os

chefes de famílias da comunidade, reivindicando o “direito à permanência”. Etevaldo²⁶, defendeu os moradores da localidade e declarou ser “um direito inerente da condição de homens livres e da própria democracia a luta por seus direitos e a procura de um modo justo de vida”. (CORREIO DA MANHÃ, 1964)



Figura 17: “Esqueleto não se move”, Correio da Manhã, 28 de novembro de 1964. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

A outra fotografia, apresentada para os ex-moradores durante a entrevista, não foi encontrada no periódico durante a pesquisa realizada, ainda assim, é um significativo registro daquele momento, no qual podemos observar que muitas pessoas compareceram à assembleia, contando com crianças e mulheres. O número de dois milhões exposto pelo Correio da Manhã, embora expressivo, é compreensível ao olharmos para esta fotografia, uma vez que muitas pessoas estão posicionadas de pé ao fundo da imagem, indicando que não houve lugar para todos

²⁶ A luta que Etevaldo inaugurou ao lado dos moradores do Esqueleto foi digerida com represália por parte do governo. As reuniões que organizou, como a do dia 27 de novembro de 1964, e os encontros com o governo para repassar as demandas da comunidade gerou sua prisão pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Juliana Aokim, em sua dissertação intitulada “Urbanização sim, remoção não”: a atuação da Federação de Associações de Favelas do Estado da Guanabara nas décadas de 1960-197”, diz que: “Esta foi a primeira de uma prática que se repetiria durante a implementação da política remocionista na Guanabara: a detenção no DOPS de dirigentes das associações de moradores e de lideranças da FAFEG antes da realização de remoções” (MELLO, 2014, p. 60).

se sentarem. A significância deste registro recaí pelo fato de que nele presenciamos os moradores exercendo a luta por seus direitos em comunidade e em família, um testemunho contrário às narrativas impostas por Carlos Lacerda. Deste modo, a partir da fotografia dos moradores presentes em uma reunião para reivindicar por seus direitos, emerge, como antagonismo do imaginário da remoção, o imaginário da resistência.



Figura 18: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.

Ainda assim, falar do Esqueleto a partir do imaginário que posicione como centralidade a luta popular executada pelos moradores, ou que pelo menos mencione esse acontecimento, é algo infrequente. É revelador o fato de que, embora esteja incluída nos diversos acontecimentos gerados pelo projeto de remoção do governo, a resistência dos moradores do Esqueleto não seja devidamente lembrada e mencionada. Este fato expressa que, embora tenha se estabelecido, o imaginário das remoções também é redutor por não compreender as diferentes eventualidades do seu período, isso inclui as organizações e levantes dos moradores que se opuseram a este processo.

Dessa maneira, é fato que as remoções ocorreram, mas devemos lembrar que juntamente houve a resistência organizada de moradores da favela. O reconhecimento de que tais lutas também estão incluídas na história da comunidade se faz pertinente à qualquer abordagem do Esqueleto como temática. A existência

de um imaginário de resistência não apenas faz emergir uma perspectiva diferente em como olhamos para o Esqueleto, mas põe em questionamento a própria maneira que olhamos para como os moradores de favelas removidas enfrentaram tais violências.

CAPÍTULO II: FAVELA DO ESQUELETO NÃO VAI DESAPARECER MESMO!

Até o momento, consideramos as formas nas quais os diversos agentes envolvidos na produção da história da Favela do Esqueleto trabalharam para perpetuar um imaginário marginalizado da comunidade. Inevitavelmente, isto não somente justificou as remoções, mas se caracterizou como um dos meios de incentivos daqueles processos. Observamos também como este imaginário se estabeleceu socialmente e, por décadas, tem se constituído como uma assombração do Esqueleto, dificultando que outros imaginários emergjam.

No entanto, vimos como, a partir dos mesmos meios utilizados por tais agentes, neste caso a fotografia, podemos encontrar lacunas e brechas que nos apresentam outros lados da história, possibilitando diferentes formas de imaginar o Esqueleto. Embora o governo invasivo e higienista de Carlos Lacerda tenha tentado erradicar aquele território, por meio da demolição da localidade e remoção das famílias que ali viviam, o Esqueleto resistiu. Mesmo que a mídia tenha, em certa instância, auxiliado o governo ao criar narrativas para justificar tais ações, generalizado as vivências da comunidade, o Esqueleto sobreviveu.

Em janeiro de 1962, o periódico Última Hora publicou uma reportagem a respeito das remoções que o governo realizaria, devido ao corte em parte da comunidade para a extensão da então Avenida Radial Oeste, assim como reportado por diversos outros jornais, mencionados anteriormente. No entanto, o que interessa nesta publicação é a manchete, que afirmava o desaparecimento da Favela do Esqueleto, com ênfase no termo “mesmo”. (ÚLTIMA HORA, 1962)



Figura 19: “Favela do Esqueleto vai desaparecer mesmo”, Última Hora, 22 de janeiro de 1962. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

Em defesa da sobrevivência, Georges Didi-Huberman produziu o ensaio *A sobrevivência dos vaga-lumes*, texto em que relaciona os vaga-lumes e suas luminosidades com as imagens e experiências humanas. Tal defesa contempla e, simultaneamente, se contrapõe ao Artigo dos vaga-lumes, do poeta e cineasta Pier Paolo Pasolini, publicado em 1975. No texto, angustiado pela situação política da época, Pasolini afirma que os vaga-lumes, que podiam ser vistos livremente pela Itália, desapareceram diante das máquinas do fascismo, uma conjuntura que estava acabando com aqueles seres, igualmente como fazia desaparecer as experiências culturais dos seres humanos. Embora neste trabalho não me debruçarei nas amplas questões abordadas por Didi-Huberman em *A sobrevivência dos vaga-lumes*, utilizarei como referência neste capítulo a visão esperançosa que o autor recorreu ao longo do livro, apesar de tudo. Assim como faz o filósofo e historiador da arte, tomarei emprestado a figura dos vaga-lumes para narrar as experiências humanas vividas no *Esqueleto*, decretadas como extintas, mas que sobreviveram, principalmente na lembrança dos moradores.

Posto isto, a respeito dos vaga-lumes que supostamente desapareceram, Didi-Huberman, não totalmente convencido com essa constatação, questiona: “Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos?”. Na mesma frase, o autor continua a questionar, mas agora diante de outra perspectiva: “Emitem ainda - mas de onde? - seus maravilhosos sinais intermitentes?” (2011, p. 45). Mais adiante, o autor nos dá uma resposta, uma possibilidade para podermos olhar novamente para os vaga-lumes e nos agraciar com suas existências: “Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores” (2011, p. 52). Considerando as reflexões de Didi-Huberman, da mesma maneira, para conhecer o *Esqueleto*, precisamos olhar para ele, vivo e presente, por meio das fotografias, da imaginação e das lembranças dos moradores.

Durante a pesquisa, dentre as fotografias identificadas, algumas se destacaram mais em minha percepção, um destes casos é a fotografia de 1964 pertencente ao AGCRJ que, diferente da maioria das fotografias do acervo, possui um caráter costumeiro. Na imagem, podemos observar três pessoas; no primeiro plano, uma criança abaixada ao lado direito da imagem e, ao centro, outra criança em pé, provavelmente segurando um brinquedo. No segundo plano, uma mulher

debruçada sobre uma mesa improvisada onde repousa uma bacia, a mesma está com as duas mãos dentro do recipiente. No chão, ao lado direito da mulher, há um latão e atrás um varal com roupas e tecidos. Esses componentes indicam que a mulher lavava roupas e possivelmente teve que se deslocar para buscar água, uma vez que os latões eram frequentemente utilizados em favelas e periferias para o carregamento de água das bicas públicas até as casas.

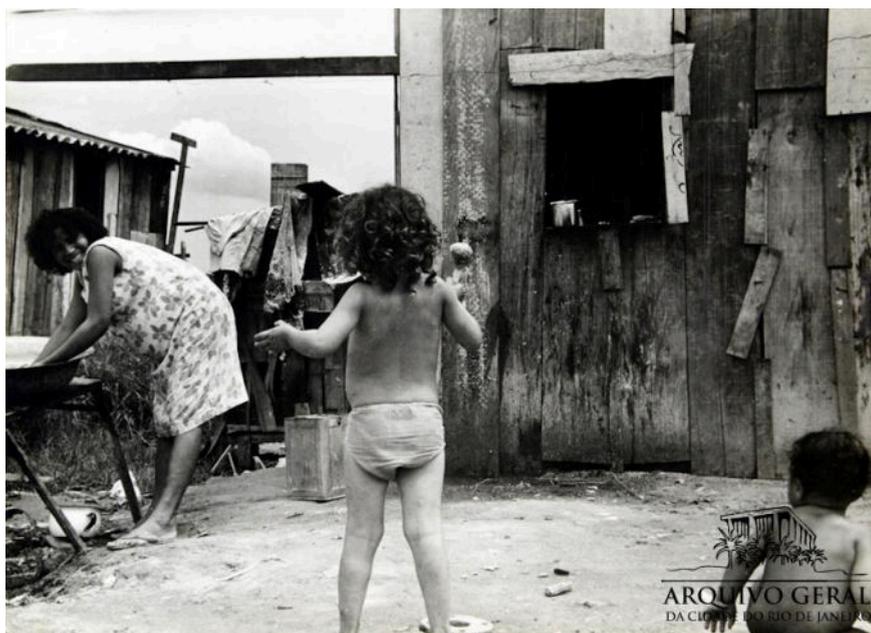


Figura 20: Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

A fotografia apresenta questões a respeito da realidade experienciada por moradores de favela naquele período, devido à pobreza do serviço de saneamento básico, sobretudo a chegada e encanamento d'água. Este problema sempre foi reconhecido em nossa sociedade e figuras, especialmente de mulheres, carregando latões e baldes d'água sob a cabeça, ou segurando barris, se tornaram parte de nosso imaginário coletivo. A difusão deste imaginário no meio social pode ser observado através de músicas populares, como “Lata D’água”, produzida na década de 1950, que se inspirava na vida de mulheres reais como Maria Mercedes Dantas, conhecida como Maria Lata D’água²⁷. Esse imaginário, embora tratasse de uma difícil realidade dos moradores de favelas e periferias — sobretudo de mulheres negras —, também se tornou um símbolo do trabalho duro e resistência, como canta

²⁷ Maria Mercedes foi uma passista e sambista da Portela, ficou conhecida pelo nome de “Maria Lara D’água”, pois desfilava segurando o latão na cabeça, trazendo este costume como alegoria no carnaval carioca. (A LUTA DEMOCRÁTICA, 1968)

Elza Soares (2004): “A lata d’água na cabeça. É o estandarte que representa minha arte”.

Em outra fotografia, também do acervo do AGCRJ, que apresenta temáticas parecidas, em primeiro plano é possível observar uma criança próxima ao chão, brincando possivelmente de dar cambalhota. Atrás da criança, uma mulher se encontra de pé, com uma das mãos sobre a bica de uma fonte d’água, enchendo seus latões. Ao lado da mulher, duas crianças se penduram na estrutura para curiosamente olhar o processo.



Figura 21: Bica d’água na Favela do Esqueleto, 1964. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

A respeito das bicas d’água, três dos entrevistados, Carlos, Elenir e Rose, contaram que não costumavam ir buscá-las, pois em suas casas havia água. Essa vivência se difere da realidade de Creuza e Maria José, que realizavam a tarefa de buscar água. Esta diferença social, exposta pelo relato dos moradores, se faz tangível quando sabemos que a Favela do Esqueleto possuía uma expansão

territorial considerada extensa²⁸, com um número considerado de moradores e com uma variedade de tipos de habitação. Isso demonstra que uma comunidade vasta, como a do Esqueleto, sem dúvidas experienciava em seu conjunto uma dinâmica de diferenças sociais.

Embora os depoimentos dos ex-moradores tenham divergido quanto à localidade de tais bicas, todos relataram a presença de múltiplas fontes d'água pela favela, sugerindo a existência de pontos estratégicos devido ao tamanho da comunidade. Dona Creuza relatou que geralmente buscava água com o irmão e as filas que se formavam eram longas, dessa maneira, possivelmente diversas famílias se encontravam naqueles postos. Quando questionei a presença das crianças nos locais, ela informou que de fato muitas crianças faziam aquele serviço.

Na conversa com Elenir, ela contou ter visto muitas pessoas passarem pelas ruas principais com latas d'água na cabeça. Carlos relatou que as mães costumavam levar os filhos para lavar roupas e quando questionei — relacionando com as fotografias — se as crianças ficavam em volta brincando, ele respondeu que sim. Carlos também acrescentou que muitos aproveitavam para tomar banho lá mesmo.

Diante do exposto, retorno à primeira dentre as duas fotografias, para colocar uma observação em destaque. Embora as crianças estejam em uma posição que facilite nosso olhar se voltar para elas, as mesmas não estão com os rostos virados para a câmera, impossibilitando visualizar suas expressões faciais. Ainda assim, seus corpos estão direcionados à mulher que se encontra de frente para elas, a mesma, estampando um sorriso largo em seu semblante. Ela não está com o olhar na bacia, onde suas mãos trabalham, mas na direção das crianças. A imagem de uma mulher, mãe, irmã mais velha, tia ou vizinha, realizando uma atividade doméstica, enquanto brinca com as crianças em sua volta, expressa muito sobre as relações afetivas e comunitárias que ali eram formadas.

O conjunto formado por estas duas fotografias e os depoimentos dos ex-moradores põe em evidência que, para além de apresentar um fragmento da rotina dos moradores e dos problemas sociais enfrentados, os ambientes de coleta

²⁸ Elaborando a partir dos dados do Censo realizado em 1948 e publicado em 1949, Costa menciona que: “no Esqueleto, existiam cerca de 5.027 moradores, dos quais 1.984 eram mulheres, 1.914 homens e 1.129 crianças”. (2022, p. 78)

d'água se caracterizavam também como ambientes comunitários, locais frequentados por famílias, que se relacionavam entre si e com outras.

Quando apresentei as duas fotografias para os entrevistados, embora alguns não realizassem esse tipo de atividade, a maioria se identificou com o representado nas imagens, pois se mudaram para o Esqueleto quando eram crianças e viveram parte de suas infâncias na localidade. Dentre as brincadeiras populares entre as crianças do Esqueleto, Carlos mencionou bolinhas de gude, pique, além de jogar bola em frente ao Juventus, um dos clubes que o mesmo disse ter existido na favela.

No que diz respeito aos ambientes do bairro onde a favela estava inserida, os entrevistados relataram as idas ao Maracanã para assistir jogos; a proximidade da favela com a Quinta da Boa Vista, que proporcionava um dos tipos de entretenimento recorrentes aos fins de semana; a forte relação com a Mangueira e o carnaval; os ambientes de trabalho, como a Fábrica Chapéus Mangueira; as escolas frequentadas pelas crianças, como a República da Argentina, que era localizada na Blvd. 28 de Setembro, e a Escola Madrid, na Avenida Maxwell. Os moradores também contam que a favela possuía uma vasta quantidade de meios que atendiam suas necessidades, desde comércio a entretenimento. A transitabilidade dos moradores, tanto no Esqueleto, quanto em seus arredores, foi algo recorrente nos depoimentos e muito interessante de conceber, ao colocar em perspectiva as dimensões da comunidade.

Em seu depoimento, Dona Rose também mencionou o clube Juventus, local onde, segundo ela, eram oferecidas aulas para crianças. Além disso, Dona Rose relembrou o dia em que ela e suas amigas, que amavam dançar frevo no clube, apareceram em uma reportagem da televisão. Dona Creuza, por outro lado, não se lembra da presença do clube Juventus, mas da existência de uma “sociedade” que mantinha a favela indomada. Segundo ela, os moradores do Esqueleto sempre organizavam festas e eventos, dos quais ela se recordou na conversa:

CM - Eu me lembro que me inscrevi pra cantar [fala entre risadas]

CS - Se inscreveu pra cantar? [rio com ela]

CM - Quando eu tava cantando... [fala entre risadas]

CS - O que rolou?

CM - Meu pai subiu [ela diz algo inaudível pelas risadas] por cima do palco

CS - Subiu no palco e tirou você de lá?

CM - Pegou na minha orelha [risos] e saiu puxando minha orelha... Eu tava cantando “Boneca Cobiçada” [todos no ambiente riem]

Sobre o ocorrido, Creuza disse que outras crianças participavam sempre dos eventos, que seu pai tinha uma personalidade ignorante para a época, mas isso não a impedia de participar das brincadeiras.

Os jornais da época tinham consciência da variedade de dispositivos sociais presentes no Esqueleto. Em 24 de setembro de 1957, o periódico A Noite publicou uma reportagem cuja manchete referenciava a favela como: “Esqueleto - A favela rica”. Para o jornal, a riqueza da comunidade era entendida de diversas formas, uma delas se dava ao fato de que o Esqueleto era diferente das outras favelas visitadas pelos repórteres, pois oferecia um “aspecto limpo, sem maus odores, maior espaço entre as habitações, mais ar e mais luz; casas com instalação sanitária, luz elétrica e banheiro” (A NOITE, 1957). No entanto, para eles, ainda apresentava alguns “defeitos” de outras favelas, em menor escala. O interessante nesta reportagem é o destaque para os meios de trabalho gerados e executados pelos moradores do Esqueleto que, segundo o jornal, contavam com tendinhas, barbearias, carpintarias, oficinas mecânicas, escritórios de despachantes, alfaiataria e modistas. As famílias de parte dos entrevistados possuíam comércio no Esqueleto, o pai de Carlos, por exemplo, possuía uma barbearia; já as famílias de Elenir, Rose e Creuza possuíam uma tendinha.

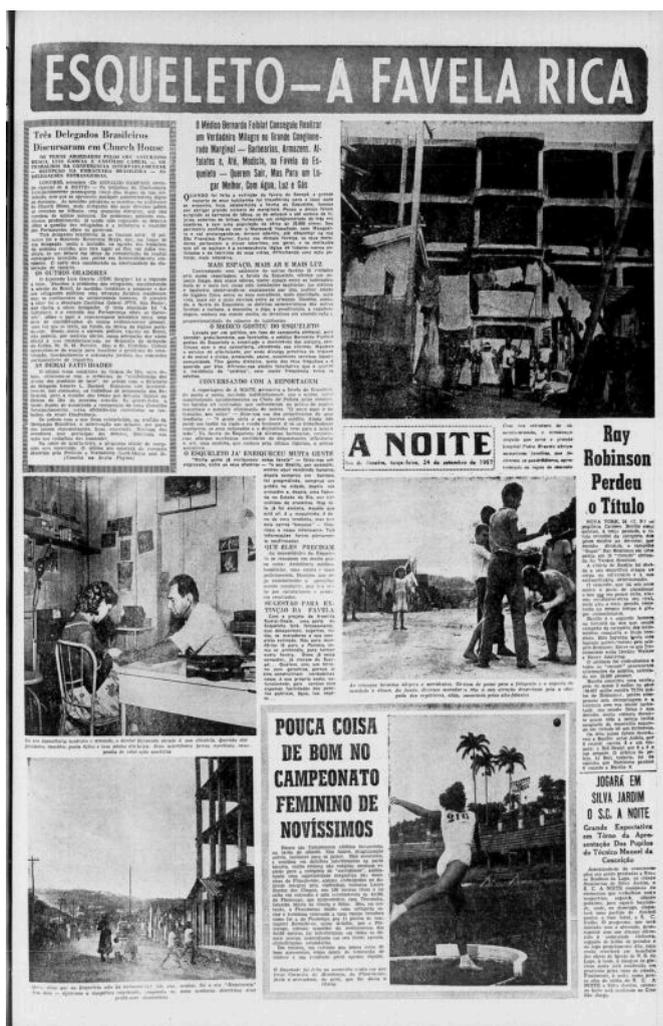


Figura 22: “Esqueleto - A favela rica”, A Noite, 24 de setembro de 1957. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

A presença dos diversos espaços religiosos no Esqueleto também é algo importante para compreender como a comunidade crescia internamente. Uma fotografia de 1965, produzida pelo jornal O Globo, demonstra esta relação dos moradores com a fé e os dogmas religiosos. Na fotografia, observamos em evidência uma cruz, posicionada ao centro da imagem e em ângulo baixo, elevada por uma espécie de altar, com algumas pedras em sua volta; Identifica-se, também, que a cruz está em uma estrutura plana de construção civil, constatado pelos diversos vergalhões espalhados no terreno; ao horizonte, é possível notar alguns prédios e outras construções. Podemos presumir que a fotografia foi feita no telhado do prédio que deu nome à favela, devido aos vergalhões que indicam uma obra inacabada e pelo fato de que uma das construções que vemos ao fundo, trata-se da torre da Usina Elevatória Sampaio Correia, erguida na Praça Maracanã e presente até hoje.



Figura 23: Cruz ao topo do prédio inacabado da Favela do Esqueleto, 1965. Acervo O Globo.

Na reportagem à qual a fotografia está vinculada, publicada em 31 de agosto de 1965, lê-se na manchete: “Com a conclusão de 400 novas casas, a remoção da Favela do Esqueleto será intensificada” (O GLOBO, 1965). O jornal também contextualiza a presença da fotografia, informando que a cruz fora levantada pelos moradores no alto do esqueleto de concreto, devido às missas que ali aconteciam. Elenir mencionou sobre aulas de catecismo que ocorriam no prédio do Esqueleto, além de uma importante menção sobre o trânsito da igreja, do Esqueleto para a Vila Kennedy:

ES - A igreja católica, a capela, era dentro do esqueleto.

CS - Ah, então você já entrou lá.

ES - Entrava para ir para missa, né? Porque era dentro. O padre Vital. Era dentro, a capela. E lá dentro... A professora de catecismo, ela chegou a viver aqui (Vila Kennedy). Ainda existe uma capela aqui, na Eduardo Souto, que era de lá. Era dentro da favela, eu lembro disso.

Embora possuísse uma igreja católica em seu prédio, a Favela do Esqueleto, devido ao seu território extenso e à grande comunidade que ali vivia, contemplava uma gama de outras manifestações religiosas. Em reportagem de 31 de maio de 1962, o jornal Tribuna da Imprensa informava que, com a saída da comunidade para a Nova Holanda, “dois dos 600 barracos destinados ao Esqueleto abrigarão templos protestantes e o outro o Centro Espírita e o terreiro que a favela tem hoje na rua das Crianças, próximo ao Estádio Municipal” (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1962). Esta característica da favela como um local religiosamente plural também é demonstrado pelo Jornal do Brasil, em uma matéria de 8 de maio de 1960. Embora seja uma reportagem discriminatória, em diversos sentidos, dispensando menções quanto às hostilidades publicadas, é notável a informações contidas sobre as religiões. Segundo a reportagem, existiam mais de dez terreiros na favela, adeptos da Legião da Boa Vontade, uma Assembleia de Deus na Rua do Costa e uma igreja Batista na Rua da União, além da presença de inúmeras parteiras e rezadeiras entre as mulheres moradores da comunidade. (JORNAL DO BRASIL, 1960)

Ainda que, novamente, a fotografia da cruz no alto do prédio da favela seja publicada juntamente com um texto sobre as remoções, a imagem contraria sua relação inicial ao oferecer mais que isso. A fotografia do jornal O Globo se manifesta como uma afirmação das pessoas que viveram no Esqueleto, não como uma afirmação doutrinária, ligada à religião, mas uma inscrição das múltiplas mãos que construíram aquele território e ali habitaram.

O prédio inacabado do Esqueleto, não apenas deu o nome à favela, mas se constituiu como parte integral da comunidade, título mencionado inúmeras vezes pelas reportagens e lembrado pelos entrevistados. Para os moradores, como mencionado por Dona Creuza, o prédio também era conhecido de uma maneira mais íntima como “Esqueletão”. Na construção, como vimos anteriormente por meio da fotografia e dos depoimentos, funcionava uma igreja católica, além disso, os moradores também relataram haver moradias improvisadas dentro do prédio e uma delegacia policial.

Dentre as fotografias no qual o Esqueletão aparece, um registro feito entre 1960 e 1965 pelo AGCRJ, é notavelmente interessante, pois se trata de uma imagem realizada de dentro do prédio para fora. Na imagem, algumas pessoas estão sentadas entre três grandes pilastras, algumas em pé, outras sentadas, utilizando capacetes de construção civil. Os indivíduos ali posicionados parecem

cientes de que aquele momento estava sendo registrado, uma vez que olham diretamente na direção da câmera fotográfica. Esse fato indica que aquelas pessoas provavelmente estavam trabalhando para o governo, executando algum tipo de vistoria no prédio ou, então, já realizando as obras de reparo e reforma do prédio que mais tarde se tornaria parte da UERJ.



Figura 24: Favela do Esqueleto, 1960-1965. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Sem embargo, o que não está em destaque na fotografia, mas ainda assim se sobressai, é a movimentação aparente em segundo plano, as longas fileiras de casas presentes na rua, visíveis através das frestas formadas pelas pilastras nas quais os operários se encontram. Quando recortamos e enquadramos a fotografia, deixando em evidência apenas este recorte, encontramos juntas algumas das imagens do cotidiano do Esqueleto que identificamos anteriormente. Moradores caminhando pelas ruas da favela; moradores possivelmente entrando e saindo de suas casas; crianças andando tranquilamente pelas ruas; crianças brincando nas ruas; uma pessoa caminhando com a lata d'água na cabeça.



Figura 25: Favela do Esqueleto, 1960-1965. Recorte de fotografia. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Diante dessa fotografia, suscitam-se algumas das diversas reflexões já debatidas neste trabalho. Enquanto os trabalhadores se posicionam entre as pilastras do Esqueletão, olhando em direção à câmera e outros observando a extensão da comunidade, a mesma continua existindo em seu dia a dia, com os moradores vivendo de maneira costumeira. Ao olharmos para esta imagem é como se estivéssemos encarando um embate entre imaginários. Na disputa estão: um que tem se marcado como legítimo, — mas parte do ponto de vista da violência como sinônimo da localidade e as vidas que ali existiam — e outro que, embora por anos ocultado, produz uma agitação, uma vontade de se mostrar, por meio das diversas vozes que lá habitavam.

Ademais, a fotografia também se apresenta como uma espécie de janela (representada na imagem pelas grandes pilastras), que dispõe em sua vista um ajuntamento de imaginários da Favela do Esqueleto que “temos tendência a recusar mas que não nos ignoram e que até nos suplicam um olhar” (DIDI-HUBERMAN,

2020, p . 110). Para vê-las basta olharmos para suas frestas, ou, com coragem, abriremos as grandes janelas.

Para finalizar, trago uma fotografia produzida e publicada em 1965, pelo Correio da Manhã. A matéria²⁹, que anunciava a “mudança de favela”, informava com mais detalhes que “o papagaio e o galo não foram esquecidos. Vão morar agora na Vila Kennedy”, fazendo referência à criança da imagem e aos animais que a mesma segurava. Conforme a reportagem, a fotografia foi possivelmente registrada momentos antes do menino ser transferido para um dos conjuntos habitacionais. Podemos notar que se trata de um registro do momento de transferência das famílias removidas, por conta da postura de espera do menino, o uso da gaiola para manter os animais abrigados, a movimentação em sua volta e a presença de um automóvel no canto esquerdo da imagem, que possivelmente realizava os deslocamentos.



Figura 26: Criança e seus animais na Favela do Esqueleto, 1965. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.

²⁹ Não foi possível encontrar este periódico por meio da Hemeroteca digital, pois existe uma quebra de continuidade nas edições de julho de 1965. No entanto, juntamente com a fotografia no acervo do Arquivo Nacional, há um recorte da publicação anexado à fotografia. Todos os detalhes da reportagem que mencionei, foram consultados por meio do dossiê.

Além do exposto, esta fotografia testemunha relevantes elementos referentes ao modo de vivência dos moradores do Esqueleto, ao indicar que a criação de animais, como as aves, era uma prática comum na localidade. Ademais da prática de criação de animais, podemos relacionar este tipo de atividade não habitual para o meio urbano, com uma possível origem regional dos moradores da comunidade³⁰. Dos entrevistados, por exemplo, uma parte origina do interior do Rio de Janeiro, e outra no Nordeste do Brasil. Na entrevista com Elenir, ao mostrar essa imagem, perguntei se era uma prática comum a criação de animais:

CS - E as pessoas na favela criavam muitas galinhas ou galo?

ES - Criavam... criavam. Cabrito, porco, né? que circulava ali dentro

CS - Muita gente veio do interior, né?

ES - Dizem que a favela começou mais com nordestinos, né? Pessoas que vieram trabalhar no Maracanã [estádio]. E o Maracanã parou a obra e eles não tinham pra onde voltar.

Elenir também comentou que na Vila Kennedy essa prática se manteve. Os moradores, incluindo sua família, continuaram criando seus animais, de forma doméstica e para o comércio. Além de Elenir, Carlos também foi um dos moradores que mencionou a criação de animais na Favela do Esqueleto.

Em consideração a isso, permitam-me retomar a Didi-Huberman e sua convicção a respeito da sobrevivência dos vaga-lumes, trazendo uma pequena citação que conclui minha linha de pensamento: “É preciso saber que, apesar de tudo, os vaga-lumes formaram em outros lugares suas belas comunidades luminosas” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 50). Desse modo, considero que esta fotografia, bem como sua publicação e os testemunhos dos ex-moradores, sintetizam de maneira efetiva a questão dos imaginários da favela. Da mesma forma que os vaga-lumes, a Favela do Esqueleto não desapareceu. Embora seja um fato que sua extensão territorial tenha sido destruída, os moradores, que se constituem como a existência do Esqueleto, sobreviveram. Igualmente como a criança levou suas aves para a Vila Kennedy, como descrito na reportagem, os moradores do

³⁰ “O Censo de Favelas de 1948 revela também que, a maioria dos moradores desse local eram provenientes do Estado do Rio de Janeiro, demonstrando o fluxo migratório da mão de obra fluminense em direção à região metropolitana. Os migrantes naturais de Minas Gerais eram o segundo maior em quantidade, seguido pelos naturais do Espírito Santo”. (DA COSTA, 2022, p. 79)

Esqueleto também levaram consigo suas vivências, aquelas do cotidiano, pouco lembradas atualmente, mas presentes nos imaginários daqueles que hoje habitam a Vila Kennedy, a Nova Holanda, a Vila Aliança e outros territórios do Rio de Janeiro afora. Se quisermos vê-los, estes Imaginários que nos suplicam, imaginar com e a partir deles, devemos olhar para as fotografias do Esqueleto, mas devemos principalmente olhar também para os lugares onde a comunidade permanece viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este trabalho, devo primeiramente retomar ao fato de que conduzir uma pesquisa sobre a Favela do Esqueleto me toca em um lugar que está além da academia. Falar sobre o Esqueleto é também falar sobre a Vila Kennedy, onde cresci e vivo atualmente, e sobre a trajetória da minha família. Por isto, inicio a conclusão de maneira similar a que iniciei a introdução deste trabalho, uma vez que este fato caracteriza-se como motivação fundamental que me guiou neste processo e perpassa todas as palavras aqui elaboradas.

Durante as etapas de pesquisa, sobretudo a iconográfica, inevitavelmente meu olhar se encaminhou por meio da procura, para encontrar uma familiaridade específica. Busquei constantemente por essa familiaridade, com a expectativa de que talvez eu encontrasse o rosto de minha avó, aquela que dá sentido ao meu estar aqui escrevendo este texto. A procura por seu rosto ou qualquer vislumbre ocorreu naturalmente, visto que passei tantos anos de vida ao seu lado e que a mesma compartilhou comigo a maioria das histórias do Esqueleto que tenho conhecimento.

A produção e pesquisa ancestral de Aline Motta também parte de uma procura e me acompanhou durante todas as etapas. Sobretudo em seu trabalho “Filha Natural”, quando a artista realiza uma análise histórica da iconografia do período escravocrata, com assistência de depoimentos de sua família, em busca da sua tataravó, cuja Motta acredita ter nascido no século XIX, em uma fazenda de café em Vassouras, interior do Rio de Janeiro. Com o aprofundamento da pesquisa, a artista encontrou diversos documentos nos quais constam o nome de uma pessoa chamada Francisca, como um dos “bens” dos proprietários da Fazenda de Ubá. Ao se deslocar até a localidade para continuar a pesquisa, conhece Claudia Mamede que, segundo a artista, “habita este espaço simbólico como disruptora de uma certa narrativa de servidão e complacência entre senhores e escravizados” (MOTTA, 2018-2019).



Figura 27: Aline Motta, *Filha Natural*, 2018-2019. Fotografia.

Ao passo que conheceu melhor Claudia, a artista identifica que suas respectivas bisavós e avós são muito parecidas, algo que instiga ainda mais seu imaginário. “Filha Natural” caracteriza-se como uma produção muito extensa, contando com performance, instalação fotográfica, série fotográfica, vídeo e livro de artista, gerando um debate que ultrapassa as propostas deste trabalho. No entanto, as palavras de Motta, presentes no texto de apresentação da obra, refletem diretamente no encaminhamento da minha pesquisa, ressoando em minhas reflexões:

o quanto de ficção existe numa realidade? A Francisca destes documentos é mesmo minha tataravó? A minha bisavó e a avó de Claudia são muito parecidas fisicamente, então Claudia é minha parente? Quais arquiteturas permanecem de pé e quais desapareceram? Que estruturas de pensamento ainda são vigentes? São essas algumas das questões que trato nesta pesquisa (MOTTA, 2018-2019).

Em certo momento, enquanto mostrava a segunda fotografia do conjunto preparado para as entrevistas, Elenir expressou: “Eu tô procurando aqui para ver se vejo meu pai”. Nós duas rimos e então mencionei que talvez ela pudesse encontrá-lo. Com isto, ela respondeu: “É isso que eu tô olhando. De repente, quem sabe né?”. Para minha surpresa, ao mostrar a fotografia dos moradores do Esqueleto na reunião, Elenir imediatamente notou seu pai, na extremidade direita da fotografia, sentado no que parece ser a primeira fileira da assembleia. Embora o contato com esta imagem tenha sido frequente durante a pesquisa, não configura como inusitado o não reconhecimento do meu próprio avô, uma vez que não o

conheci pessoalmente, tendo falecido anos antes do meu nascimento. A filha mais velha de Sebastião e Venina, no entanto, encontrou a imagem de seu pai rapidamente, fresca em sua memória, com todos os anos que viveram juntos.

Ao ver a fotografia, Elenir apontou e disse: “Ó o meu pai!”; “É ele. Direitinho.”; logo prosseguiu contando que relembrou da camisa xadrez que veste na imagem, algo que ela o via usando com frequência. Também reconheceu o homem na outra ponta da fotografia, um amigo e vizinho de seu pai, cujos filhos, segundo ela, estão vivos e ainda residem na Vila Kennedy. Apesar de se lembre da reunião em questão, Elenir acredita que aconteceram várias, pois, de acordo com ela, ninguém poderia sair de um local sem conversa ou acordo. Quando perguntei se ela lembrava se as pessoas quiseram sair ou não, ela relatou que “Houve muita, muita confusão. Muita gente não quis. Muita gente reclamou de ver que seu barraco ia ser destruído”.



Figura 28: Reunião dos moradores da Favela do Esqueleto, 1964. Recorte de fotografia. Fotografia do Correio da Manhã. Arquivo Nacional.

Para além da importância pessoal de encontrar meu avô por meio de uma fotografia inserida no imaginário de resistência dos moradores do Esqueleto, o que se perdura deste acontecimento é que as mesmas pessoas que lutaram pela permanência do Esqueleto são aquelas que habitam hoje a Vila Kennedy, sejam vivas ou por meio da memória mantida por seus descendentes. Ou seja, embora os planos de urbanização não tenham ocorrido e a comunidade tenha sido removida, a mesma continua existindo por meio da imaginação dos moradores da Vila Kennedy,

Vila Aliança e Nova Holanda. Desse modo, diferente do que Carlos Lacerda pretendia, e contrapondo todas as narrativas impostas a estes, a Favela do Esqueleto permanece viva.

A partir do apresentado neste trabalho, podemos concluir que os governantes em exercício durante os períodos em que a Favela do Esqueleto esteve de pé, contribuíram de diversas maneiras para a comunidade ser vista socialmente a partir da ótica da violência, sobretudo durante o governo de Carlos Lacerda. Este olhar, operado por meio da discriminação e marginalização dos corpos habitantes da Favela do Esqueleto, produziu em grande escala, principalmente no período das remoções, resultando em um repertório visual que limitou a comunidade a ser reconhecida restritamente por este período.

De maneira similar, a mídia, às vezes compactuando com as decisões impostas pelo governo e às vezes se mostrando aliada à população do Esqueleto, também produziu significativamente segundo a mesma ótica. Como vimos, as fotografias produzidas tanto pelas mãos do governo quanto pela mídia, também foram tiradas de contextos e manipuladas para servir a uma narrativa. Estes fatos contribuíram para justificar as hostilidades do processo higienista das remoções. Quando colocadas em perspectiva, percebemos essas ações como não isoladas, mas parte de um grande projeto aqui denominado como imaginário das remoções ou da violência. Este Imaginário continua reproduzindo-se na atualidade, pois se instaurou como único e, pode dizer-se, oficial.

Observamos como esse imaginário tem se reproduzido ao longo dos anos no campo das artes visuais, por exemplo. Desde Hélio Oiticica, até às exposições recentes, Esqueleto: uma história do Rio e ESQUELE70 — 70 anos de UERJ, que não podemos negar suas contribuições para com a memória do Esqueleto e como forma denuncia, por meio da arte, das violências que o Estado segue implementando, mas que ainda se inserem na reprodução deste imaginário.

Não significa que devemos ignorar as violências enfrentadas pelos moradores do Esqueleto, tampouco censurar a veracidade do processo das remoções. Como bem-posto no artigo da exposição ESQUELE70 — 70 anos de UERJ, muitos esqueletos ainda existem pela cidade e as políticas de estado continuam perseguindo e marginalizando territórios de favela, inclusive as localidades para onde os moradores do Esqueleto foram removidos.

Na verdade, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, por mais que tenha sido uma vontade inicial, percebi ser impraticável falar da Favela do Esqueleto sem esbarrar nas remoções. Tampouco foi possível se curvar das demais violências enfrentadas no cotidiano pelos moradores, mas entende-se as remoções como a violência mais documentada e, por assim ser, reconhecida. Mesmo que por muitas vezes durante a escrita tenha existido uma vontade em não tocar nessa temática, por receio de que ao fazer isso estaria opondo as intenções desta pesquisa, compreendi que ignorá-la significava ignorar também parte da complexidade e multiplicidade das vivências desenvolvidas naquela localidade.

As fotografias selecionadas para este trabalho — e praticamente todo o conjunto mapeado que não entrou no debate —, por si só revelam esta complexidade. Mesmo que registradas em sua maioria durante a década de 1960, no contexto deste período, ou manipuladas para servir a ele, vimos que as fotografias nos apresentam múltiplas perspectivas, diferente do olhar unilateral propagado ao longo dos anos.

Com efeito, compreendi também que falar sobre as remoções e outras violências ocorridas, seja no Esqueleto ou em qualquer outra comunidade, não significa perpetuar o imaginário estabelecido. É importante destacar que quando iniciei esta pesquisa existia apenas um estranhamento em relação à constante vinculação da Favela do Esqueleto unicamente ao período em que foi removida, não existia um entendimento do porquê e como aconteceu isso. Neste sentido, acredito que este trabalho se caracteriza como inaugural neste debate, com um longo caminho pela frente.

Este trabalho não teve como finalidade ignorar a violência aqui exposta, tampouco acredito que se insira como um meio de exterminar o imaginário instituído. Sua proposta, que considero ter sido alcançada ao longo dos capítulos, caracteriza-se como uma maneira de fazer emergir esses outros imaginários, que recuperamos se tivermos coragem de olhar para eles, *apesar de tudo*, apesar das ferramentas que tentaram propagar seu desaparecimento. Apesar de fragmentados e incompletos, estes imaginários se fazem presentes quando olhamos através das brechas que constituem a história instituída oficial. Por isso, mesmo que não possamos retirar estas fotografias do seu contexto original ou desvinculá-las da ótica de sua produção, quando olhamos para elas por uma segunda, terceira e quarta

vez, encontramos em suas fissuras e lacunas as diferentes possibilidades de imaginar a Favela do Esqueleto.

Dessa maneira, é através da “brecha na história concebida” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 144) que temos a possibilidade de conhecer o Esqueleto. É justamente quando olhamos para as brechas das imagens e ouvimos os depoimentos dos ex-moradores, que encaramos o cotidiano daquela comunidade através das suas 4 décadas de existência e não somente para um único momento nesta história.

E esses imaginários emergem, pois querem ser vistos, não devemos então operar na perspectiva do inimaginável perante elas, por mais instruído em nossas mentes seja a ideia de que na favela só exista violência. Emergem também, porque já estão sendo imaginados, a partir das lembranças constantes de seus ex-moradores, que os mantêm vivo, apesar de tão recusados. Imaginários que emergem, porque igualmente com a Favela do Esqueleto, não desapareceram, mantiveram-se vivos em outras comunidades e urgem para serem postos como protagonistas dessa história. Por esse motivo, esta pesquisa não teria sido possível se não fosse pela presença dos ex-moradores do Esqueleto, sem o reconhecimento de que não é plausível repensar esta história sem aquelas que a fizeram. Com as entrevistas gentilmente cedidas pelos moradores, as brechas se assentaram para preencher. O mesmo aconteceu ao contrário, quando um depoimento aparecia com brechas, as imagens foram solicitadas.

À face do exposto, compreendendo as ações artísticas para refletir e combater a violência nas favelas como necessárias em nosso contexto social e político, não seriam esses outros imaginários apresentados ao longo deste trabalho, como o das festas, das religiosidades ou das relações afetivas, também eficientes?

Embora não sido discutido durante os capítulos, tampouco será possível fazê-lo em uma conclusão, é considerável mencionar Judith Butler e seu apelo por uma não violência, como forma de combate social e coletivo diante das violências enfrentadas. Em seu ensaio intitulado *A reivindicação da não violência*, presente no livro *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, a autora nos apresenta uma possibilidade que aqui posiciono como resposta para a questão:

É precisamente porque se está imerso na violência que a luta existe, e que surge a possibilidade da não violência. Estar imerso na violência significa que mesmo que a luta seja dura, difícil, iminente,

intermitente e necessária, ela não é o mesmo que um determinismo; estar imerso é a condição de possibilidade para a luta pela não violência". (BUTLER, 2019, p. 241)

Esta pesquisa insere-se então como um apelo pela não violência, ou como um olhar de esperança diante do possível sumiço dos vaga-lumes. Se insere em posição à sobrevivência dos imaginários outros da Favela do Esqueleto que merecem ser considerados, vistos e imaginados. Se coloca como uma espécie de porta-voz inicial destes imaginários aqui apresentados, para que futuros trabalhos acadêmicos, artigos, exposições e tantos outros meios de conhecimento também falem a partir deles. Intentei apresentar a relação afetiva entre uma avó e seu neto, moradores do Esqueleto; crianças se divertindo nas ruas da comunidade; os inúmeros motins de resistência proclamados, porém, acredito que outros possíveis imaginários ainda estão por emergir.

Apesar de ter como recorte a Favela do Esqueleto, a intenção deste trabalho foi de expandir a discussão para outros territórios, tendo o Esqueleto como um exemplo, mas dialogando com a história das inúmeras favelas daquele período que seguem existindo por meio do imaginário da sua remoção. Acredito que a discussão aqui iniciada abrange também as comunidades cariocas atuais, que da mesma forma são assombradas pelas tentativas de invalidar as multiplicidades de suas vivências.

REFERÊNCIAS

- AVELLAR, José Carlos. **As folhas de contatos e o fotojornalismo**. 2015. Elaborado por Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/as-folhas-de-contatos-e-o-fotojornalismo/>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BUTLER, Judith. A reivindicação da não violência. In: BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 233-259. Tradução de: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha.
- COELHO, Fred; CASTRO, Maurício Barros de. **Esqueleto do Esqueleto do Esqueleto**. Revista Concinnitas, [S.L.], v. 21, n. 37, p. 51-61, 19 maio 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/concinnitas.2020.51053>.
- COSTA, Emanuelle Torres. **Morte e vida no Esqueleto: a construção social de um espaço marginalizado da cidade do Rio de Janeiro (1934-1965)**. 2022. Dissertação (mestrado em História Social) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=62077@1>.
- CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO (Bahia). **QUADRA / CODESCO realiza urbanização participativa na favela Brás de Pina**. Colaboradores: Thiago Silva e Janaína Lisiak. Disponível em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1565>. Acesso em: 31 maio 2024.
- DE PINTO, C. E. P.; DE ALMEIDA GONÇALVES, M.; NASCIMENTO FERNANDES, R. A. UERJ 70: comemorações e histórias de uma universidade pública. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 2, p. e38999, 2 jun. 2021.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Tradução: Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. 1. ed. São Paulo, SP: Editora 34 Ltda., 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 206–219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivências. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2011. p. 45-65.
- ELZA, Soares. Lata d'água. São Paulo: Reco-Head Records: 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tAeZ2S83hA>. Acesso em: 26 de julho de 2024.

GONÇALVES, R. S.; AMOROSO, M. **Golpe militar e remoções das favelas cariocas**: revisitando um passado ainda atual. *Acervo*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 209–226, 2014. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/468>. Acesso em: 1 jun. 2024.

MELLO, Juliana Oakim Bandeira de “**Urbanização sim, remoção não**”. A atuação da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara nas décadas de 1960 e 1970. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2014.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Lugares de Memória dos Trabalhadores #67**: Fábrica Chapéus Mangueira, Rio de Janeiro (RJ). 2021. Lugares de Memória dos Trabalhadores. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-67-fabrica-chapeus-mangueira-rio-de-janeiro-rj-lyndon-de-araujo-santos/>. Acesso em: 28 maio 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. FapUNIFESP.

PERIÓDICOS

A LUTA DEMOCRÁTICA. **E se o negócio é...** Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1968, ed. 04461. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030678/39679>. Acesso em: 26 de julho de 2024.

A NOITE. **Esqueleto - A favela rica**. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1957, ed. B15728. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_05/44478. Acesso em 3 de junho de 2024.

CORREIO DA MANHÃ. **Mudança da favela**. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1962, ed. 21111. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_07/25861. Acesso em: 28 maio 2024.

CORREIO DA MANHÃ. **Doze famílias em pânico**. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1947, ed. 16307. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_05/39601. Acesso em: 28 maio 2024.

CORREIO DA MANHÃ. **“Próprios nacionais” na favela**. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1947, ed. 16300. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_05/39439. Acesso em: 29 de maio de 2024.

JORNAL DO BRASIL. **Dutra já queria chegar às favelas antes dos comunistas**. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1960, ed. 00107. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_08/4675 Acesso em: 3 de junho de 2024.

O GLOBO. **Com a conclusão de 400 novas casas, a remoção da Favela do Esqueleto será intensificada.** Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1965.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Mudança do Esqueleto é a segunda da sua vida.** Rio de Janeiro, 31 de maio de 1962, ed. 02759 Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/154083_02/9731. Acesso em: 3 de junho de 2024.

ÚLTIMA HORA. **Favelados Organizam-se para resistir às Ameaças de Reportação para Bangu.** Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1964, ed. 04286. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/386030/97474>. Acesso em: 5 de junho de 2024.

ÚLTIMA HORA. **O Esqueleto Vai Desaparecer Mesmo.** Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1962, ed. 00761. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/386030/80487>. Acesso em: 5 de junho de 2024.